

2

Ant. de Macedo Soares,  
Membro da Comissão de Resenhas.

**ENSAIOS LITTERARIOS**

Nº 2

DO

**ATHENEO PAULISTANO.**



**Esboços de Psychologia.**

Vamos escrever de philosophia; vamos investigar questões e resolver problemas em que sempre vacillaram abalisados escriptores. Alto de mais é o alvo a que nos imos dirigir; grande e vasta a esphera que em derredor de nós vemos desenhar-se; difficultosa e ingreme a senda que temos de trilhar. Mas esta mesma importancia do assumpto nos alenta e confirma no concebido proposito, porque é com estes esforços e esta valentia de estudo que o pensamento se fortifica e engrandece; é nestas luctas porfiadas que as idéas recrescem em multidão, surgindo umas de outras na longa serie de intrincados raciocinios; é com este vigor e este trabalho que se póde accarretar uma pedra para o levantar das sciencias,

Não é decerto, porem, por emittir idéas novas e principios não sabidos ainda, que traçamos estas curtas linhas; desenhamos esboços, não escrevemos tratado. Resumo de mais largos desenvolvimentos, estas paginas são apenas uma coordenação de notas e apontamentos que fizemos no decurso de consciencioso estudo; são como as memorias d'elle, são isto só. Não entramos em amplas discussões, cerra-mo-nos dentro n'um quadro estreito.

I.

- I. — LUGAR DA PSYCHOLOGIA NA  
PHILOSOPHIA—SEU INSTRUMENTO,  
POSSIBILIDADE E CERTEZA DELLE  
II. — CONSIDERAÇÕES HISTORICAS.

I.—O homem pensa; um dos fins de sua natureza é a sciencia, um dos monumentos que deve erguer sobre a terra é um solido edificio formado dos elementos esparsos de seus varios conhecimentos. E sobre que objectos pode o homem pensar e obter idéas? Sobre o *eu* e o *não-eu*, o subjectivo e o objectivo. Ambos estes mundos, tam diferentes na essencia quanto na extensão, podem ser reduzidos a certa somma de principios geraes, dos quaes todos se occupa a mais geral

e mais alto collocada de todas as sciencias, a philosophia. A philosophia ou metaphysica abrange dentro nos seus limites a ordem inteira da criação, comprehende quantas questões o espirito humano suscita na contemplação della, incerra o amplo systema das idéas que concebemos. Mas nesta synthese tam elevada é possível descobrir e estudar partes separadas: assim é que, fazendo preceder as indagações subjectivas ás objectivas, o philosopho converge toda a força da meditação para o só estudo, ainda assim vastissimo, do sujeito pensante. A esta secção das sciencias philosophicas é que se chama Psychologia.

Ora qual é pois o lugar da psychologia no meio desse todo da metaphysica? O primeiro é o seu, respondemos nós. Em todo o desenvolvimento scientifico encontrareis, de um lado, o sujeito que pensa com a consciencia de seus movimentos, e, de outro, um objecto pensado; de um lado, a intelligencia prescrutando os arcanos da criação, de outro, esta mesma criação que lhe abre o seio e lhe consente o exame; encontrareis, por outra, o subjectivo e o objectivo. Por onde pois a sciencia hade estrear suas indagações? Para nós a questão já está resolvida, desde logo que se consideram as relações que existem entre aquellas duas ordens de seres. O homem conhece o objectivo com o emprego das suas faculdades: como hade elle pois entender aquelle sem o reconhecimento destas, sem lhes saber do alcance e valia? Por isto é nossa opinião que a psychologia é o perystilo das sciencias; demorai-vos primeiro e descançai nelle, indireitareis com mais vigor e alento atravez do resto do edificio; firmai-vos nesta base, e a conquista do mais será facil.

Sabido qual o lugar da psychologia, resta caracterisar o seu instrumento.

Toda a sciencia tem forçosamente um methodo, um meio de indagação e demonstração; todas teêm, segundo sua natureza, uma via de communicação com o seu assumpto. E' da consideração desses mesmos assumptos que havemos de partir para designar o instrumento proprio a cada uma. Ora a psychologia, no mais amplo significado da palavra, é o estudo completo dos phenomenos e faculdades do *eu*. Estes phenomenos e estas faculdades só pela observação interna se podem revelar. Eis aqui pois o instrumento das indagações psychologicas: é a consciencia. Eis aqui tambem o methodo psychologico: é o empyrico; porque a psychologia, estudo analytico das faculdades e phenomenos subjectivos, procede experimentalmente, pela observação interna, consciencia ou reflexão.

Mas a possibilidade e certeza de um tal instrumento tem sido, não raras vezes, contestadas; e dahi disputações que levam á negação de todo o estudo psychologico, que destroem até mesmo as outras indagações philosophicas, que, com esse scepticismo, só reconhecem como prudentes as explorações no mundo objectivo. E' a escola de Hume. Estas porem são exagerações, já desde muito plenamente combatidas: Locke e Reid, principalmente o ultimo e seus discipulos, refutan-

do-as vigorosamente, deixaram-nos profundos argumentos em favor da psychologia. — Em verdade, uma observação sincera reconhece no espirito, alem das faculdades de que dispõe para aquillo que não é elle, um poder especial, uma capacidade natural de se ver a si proprio: é o que se chama consciencia. Esta não é, com effeito, uma faculdade determinada, como demonstraremos depois; é sim um dom pelo qual o homem se reconhece em todo o genero de acções; é a condição de todo o pensamento, sentimento ou volição; em qualquer destes modos de manifestação, o espirito que os percebe, percebe-se tambem a si proprio. Logo, se um tal poder, qual o de observar os phenomenos de suas faculdades, existe no homem, provado está como é possível este methodo e instrumento psychologico.

E não só possível, mas tambem certo. Porque razão nós, entes pensantes, não havemos de crer nos depoimentos da consciencia? como desdenhar aquillo que se passa na só região do *eu*, quando accedemos á percepção do exterior? Por mais que o digam não hão de os scepticos provar nunca que só objectos materiaes podem cahir sob o dominio do espirito; porquanto é um facto, universal e necessario, fornecido pela experiencia á toda a hora, que assim como póde o homem conhecer o objectivo, assim pode saber do interno de sua vida: verdade é, que esta mais difficilmente se estudará, mas isto não dá razão para negar-se a possibilidade ou a certeza de taes indagações.

II. — Verifiquemos pela historia algumas noções que procuramos assentar.

Impossivel era que a philosophia oriental formasse um corpo de doutrina, exacto, meditado e profundo; ella é apenas a primeira direcção, o espontaneo esforço do espirito por comprehender o mundo, e só vê no mundo um baralhado cháos de elementos diversos. Só uma vaga syllepse foi o resultado colhido pelo Oriente; só de tam pouco nos fallam seus raros monumentos.

Mas a razão humana não fôra condemnada á ignorancia das cousas; o desejo de saber é um dos magnificos alvos da natureza nossa. Novos esforços fizeram-se, novas decepções: mas afinal ahi se ergueu do meio desses gigantes tombados por terra um vulto severo, aquelle que devia de ser o pai da philosophia grega. Socrates, contemplando nas idéas e esforços dos sabios seus predecessores, só descobriu-lhes erradas hypotheses e mal encaminhados movimentos. Já avisado pelo máo exito dellas, cerrou-se dentro em si mesmo, estudando os phenomenos internos ao lume da consciencia; depois a palavra sua aos innumerados discipulos, que por os labios d'elle esperavam coassem as eternas verdades, foi o *fiat* da sciencia, foi o verbo da vida, o grande principio: Conhece-te a ti proprio. Então nasceu a verdadeira philosophia, então começou a obra dos seculos, o methodo infallivel, as indagações psychologicas. Porque esse preeceito de Socrates queria dizer que, antes de entrar no mundo objectivo, deve o homem saber quem é, qual a tempera e qual a força dos instrumentos de que se hade

servir nessa infinda conquista que reúne trophéos a trophéos, sem nunca exaurir-se !

Como o legado de um paiz estremecido, o principio emittido por Socrates successivamente passou, de mãos em mãos, por todos os discipulos de sua escola: elle quasi constitue a essencia e vida que se percebem em Aristoteles e Platão. Quando porem a unidade do pensamento e doutrinas do mestre desconnexou-se nos variados systemas d'elle nascidos, foi impallidecendo o brilho daquelle luzeiro posto á entrada do caminho, como pharol de navegantes. A escola theologica esquece-o em breve, abandonando-se ás disputações interminaveis sobre os mysterios da religião christã; e, nas raras vezes que dirigio-se a esta questão vital, mais embarçou-a das nevoas dessas mil distincções e phantasmas que levantava em tudo; haja exemplo a discussão sobre nominalismo e realismo.

Felizmente porem uma verdade atirada ao mundo não se perde nem se esquece nunca. Desconfiando das doutrinas de seu tempo, Bacon lembrou o principio da observação experimental que devia succeder e matar as tam erradas hypotheses em que se debatia exangue a philosophia escolastica. Então, no meio desta nova direcção imprimida ás sciencias physicas pelo metaphysico inglez, surgiu um novo Socrates, Descartes, o restaurador da philosophia moderna. A escolastica jazia por terra; começava de vogar em tudo uma observação lenta e porfiada: faltava quem desse a philosophia uma forte organização, distinguindo-a das sciencias physicas; faltava quem demonstrasse qual o papel da razão a par da experiencia; faltava todo esse trabalho, tam grande, mas Descartes cumprio sua missão. Com elle começou uma outra ordem de idéas para as indagações philosophicas em geral, e não menos o impulso que desde ahi tomou o estudo do entendimento humano. Locke veio ao depois, proclamando bem alto que o exame do sujeito pensante pela reflexão devia de ser o começo das questões philosophicas; em quanto que, por outro lado, Berkeley escrevia sobre o mesmo assumpto. Mas nem o sensualismo do primeiro, nem o dogmatismo deste podiam ser doutrinas exactas. Hume, como todos sabem, prevaleceu-se dos erros de ambos para estabelecer o scepticismo que deduzia de suas doutrinas. E' assim que a philosophia de Descartes, tam fertil em bons principios, mas ainda incompleta, foi-se finando como a de Socrates.

Mas ao eminente philosopho, chefe da escola escoceza, ao antagonista de Hume, ao metaphysico do bom senso, fôra reservado restabelecer a sciencia do espirito humano. Invocando as auctoridades de Bacon e Newton, Reid convidava seus discipulos a uma paciente observação dos phenomenos d'alma, a qual devêra fixar uma doutrina certa e limpa das arbitrarias hypotheses de seus antecessores. E' desta observação aturada, longa, profunda e exactissima que parte a definitiva constituição da psychologia: á escola escoceza deve esta sciencia o mesmo que a Platão deve a moral.

Emquanto que dest'arte se erguia a psychologia do meio das ruinas de exaggerados systemas, solevada pelas mãos do bom senso, lá nas remotas Universidades da Escocia,—ainda se não tinham serenado as agitações causadas pelas disputas e encontros de outras opiniões. O principio sensualista de Locke passava pelas mais duras vexações, torturado pela manopla da logica de Condillac; de chrysol em chrysol tocou ao mais desesperador materialismo. Por outra parte, o genio de Descartes, transmittido a Leibnitz, se immortalisava em Kant, e como que ia florescer na Allemanha.

A isso tinham chegado as escholas exclusivas, quando appareceu quem lhes devia indicar o élo da união. Em 1818 começou Cousin a obra do eclecticismo. De Reid e Locke deduzio, com as necessarias modificações, as doutrinas sobre o subjectivo; chamou Kant e Hegel que lhe fornecessem os principios que regem o não-eu. Eis pois o eclecticismo, essa razão de seculo XIX, a sua vida, a seiva que lhe corre por todas as veias, desembaraçando a philosophia dos elementos exclusivos que a possam destruir, consagrando verdades que até então se disputavam, organisando o quadro dos conhecimentos humanos; e, demarcado o vastissimo campo da sciencia, lá o vemos erguer no centro della o magestoso edificio da philosophia, formando da psychologia o seu magnifico portico.

A. C. Tavares Bastos.

### **Qual influio mais sobre a revolução franceza de 1789, Voltaire ou Rousseau? (\*)**

*Les noms de Voltaire et de Rousseau sont devenus inséparables. Ces deux génies extraordinaires, divisés pendant leur vie, sont à jamais unis dans la postérité, qui révère en eux les principaux agents d'une grande régénération sociale.*

ST. A. BERVILLE.

Entre as mil causas dessa grande revolução, desse cataclysmo social que tanto abalou e abala as modernas sociedades, das quaes muitas se ainda estorcem em doloroso afan para realisar plenamente as idéas

(\*) Este artigo não é mais do que um parecer que ha tempos rapidamente esboçamos para apresentar a uma illustre Associação que delle nos incumbira. Como devessemos escrever alguma cousa para o presente numero dos—Ensaios Litterarios,—em falta de outra melhor que nossas occupações nos não permitião preparar, forçado fomos á modifical-o levemente e a publical-o imperfei-

que ella proclamou, entre essas causas que as vistas investigadoras do historiador vão lobrigar em parte no seio dos seculos extinctos e na propria mente de Deos que impoz á humanidade a gloriosa lei do progresso, da victoria do bem sobre o mal, do espirito sobre a materia, eminentemente figurão as obras e doutrinas dos escritores francezes do seculo passado. No meio, acima delles, de Montesquieu mesmo, elevão-se os vultos grandiosos de dois homens que immensamente contribuirão para encher de lavas as entranhas do volcão revolucionario, e largamente cavar-lhe a cratéra terrivel, chegando a preverem e prognosticarem sua explosão. (1)

Longe de nós a pretensão de completa solução dar ao assumpto de que nos occupamos. Exige ella não só o estudo meditado das innumeradas obras desses homens illustres, como o de toda a historia da revolução franceza, afim de, apreciando as leis promulgadas e os factos occorridos, podermos conhecer os filhos da influencia de um, os da influencia d'outro, e assim decidirmos qual delles a exerceu maior. Tal estudo por certo não podémos fazer, recorremos de preferencia a autores que tratando mais particularmente da questão nos fornecessem dados para este trabalho. Bastantes lemos e sinceramente confessamos que nenhum satisfatoriamente a trata e resolve.

Se nos propoessemos mostrar de Voltaire ou Rousseau qual mais vasto imperio exerceu durante sua vida, sem trepidar diriamos que Voltaire, aquelle que pôde dizer :

*J'ai plus fait dans mon temps que Luther et Calvin.*

Devemos porem declarar em que gráo influirão elles sobre a revolução franceza e ahi vemos surgir mil difficuldades, e largo tempo sentimos

tissimo qual vai. A precipitação com que foi este trabalho feito desculpará aos olhos do leitor os defeitos delle, mormente as muitas citações de que o sobrecarregamos, attendendo a que não tendo tempo para desenvolver e fundamentar nossas opiniões com argumentos de propria lavra, frequentemente tivemos de soccorrer-nos das palavras dos mestres. Alem disso reconhecemos algumas inexactidões em nossas idéas e juizos, exagerando, por exemplo, a influencia malefica do scepticismo de Voltaire e submettendo-nos muito ao pensar de Rossety de Lorgues e outros que tanto o atacão e aos encyclopedistas, desconhecendo assim os salutaes e innumerados serviços que prestarão e a empreza immensa que levarão a cabo. Tudo isto tentaremos rectificar em um artigo sobre a revolução franceza e suas causas, que daremos a lume logo que vagar tivermos.

(1) Tout ce que je vois lance les semences d'une revolution, qui arrivera immanquablement, et dont je n'aurai pas le plaisir d'être le témoin. Les français arrivent tard à tout, mais ils arrivent. La lumière est tellement répandue de proche en proche, qu'on éclatera à la première occasion, et alors ce sera un beau tapage, (Voltaire—carta a Mr. de Chauvelin).

Je crois impossible que les grandes monarchies subsistent encore long temps. Nous approchons de la crise, du siècle de la révolution. Je fonde mon opinion sur des raisons particulières; mais il ne convient pas de tout dire, et puis tout le monde ne le voit que trop.

(J. J. ROUSSEAU.)

vacillar nosso espirito entre a multiplicidade de encontrados argumentos.

Muitas forão as phases por que passou a revolução franceza, e diversos os principios que nella dominarão. Laferrière (2) divide a sua historia em quatro periodos e a cada um marca uma missão particular.

No 1.º—que se estende de 1789 a 1791, dá-se a reacção contra o passado e então a revolução busca realizar tres fins:— 1.º destruir a antiga monarchia, suas instituições politicas, administrativas e judi-  
ciarias; 2.º destruir as instituições ligadas ao direito canonico; 3.º destruir a feudalidade, mantida na ordem civil.

Aos outros periodos assigna elle outros fins, nascidos dos principios diversos que sobre elles actuarão. Se sua divisão não é inteiramente exacta, como observa Louis Carné, ao menos ninguem ousará contestar a multiplicidade de phases da revolução, e a variedade de influencias que as promoverão. Ora todos sabemos que Voltaire e Rousseau pregarão doutrinas diversas, como diversos erão seus genios. Se estudassemos portanto cuidadosamente as phases da revolução, veriamos suas doutrinas aqui dominando mais, ali menos, alternadamente. Mas esse estudo levar-mos-ia longe; contentar-nos-emos com dizer em geral qual a influencia que julgamos maior, sem entrar em demonstrações minuciosas e longas.

Eis a nossa opinião: Se considerarmos a revolução franceza em sua acção destruidora e reformadora, diremos que a influencia de Voltaire foi maior, mais geral que a de Rousseau, sendo mais terrível, quanto á religião sobre tudo; considerando-a em sua missão regeneradora e criadora, entendemos que Rousseau influio muito mais que Voltaire; finalmente contemplando-a em seus movimentos e tendencias democraticas e republicanas, sustentamos que a influencia de Rousseau foi muito superior.

Para provar nossa primeira asserção, bastará lembrar que Voltaire levou durante sessenta annos a luz de seu genio a todos os pontos das sciencias humanas, a todas as questões que a humanidade suscitou em seu tempo. Sua voz, que vibrava pela Europa inteira, proferio um juizo sobre tudo. Sabemos que elle ensinou verdades, apontou abusos e pregou reformas. Voltaire commentou Beccaria e Montesquieu, refutou com fervor e eloquencia Hobbes, defendeu os Calas, Sirven, La Barre e outros com a mesma penna que lhe merecêra a gloria de illustre poeta, historiador notavel e philosopho. Mas a essa penna tambem se deve mil obras onde circula abundante o veneno corrosivo do scepticismo, e de onde partem formidaveis ataques contra a religião. Ella escreveu—*Candide*,—*La Canonisation de Saint Cucufin*, *La Bible Commentée* e innumeradas outras á cuja leitura pa-

(2) Histoire des principes, des institutions et des lois de la revolution française.

rece-se ver o edificio augusto da religião esbroar-se ao som de uma gargalhada sarcastica. Forão suas doutrinas religiosas e as da philosophia sensualista que elle introduzio e acreditou em França, que promoverão essa festa de profanação de 1793, chamada a festa da Razão, em que uma filha dos prostibulos representando essa Razão calca o altar catholico de Notre Dame. Ninguem ignora que as mesmas doutrinas levadas á sua exaggeração ultima fizerão com que a Cruz, simbolo da redempção, fosse arrancada das portas dos cemiterios, para dar lugar á figura do somno que ali foi collocada, como a imagem do aniquilamento—diz Lamartine. Chaumette havia avançado que a morte é um somno eterno.

Os escritos de Rousseau não abrangerão o grande numero de materias discutidas nos de Voltaire. O principal fim deste foi destruir o despotismo ecclesiastico, elle o conseguiu e foi muito alem. Não foi nem podia ser este o unico alvo do autor da *Profession de foi du Vicaire Savoyard*; elle se revolta muitas vezes em seus impetos de independencia contra os dogmas do christianismo, que Voltaire procurou desacreditar e destruir quasi totalmente; sua voz porem proferio estas palavras de significativa eloquencia:—Se a morte de Socrates foi a de um sabio, a de Christo foi a de um Deos. » Demais sua moral é filha do Evangelho, cuja belleza e elevação elle reconhece e admira muitas vezes em seus escritos. (3)

Nossa segunda asserção é a enunciação de uma verdade geralmente aceita; todos são concordes em dar a Rousseau uma missão regeneradora e criadora. E quem tendo lido a *Novelle Héloïse*, o *Emile*, e a *Profession de foi du Vicaire Savoyard*, lhe contestará o nome de Apostolo da regeneração moral dos ultimos filhos do seculo XVIII, desses mesmos que militarão nas fileiras revolucionarias? Suas paginas eloquentes fizerão reviver a moral do Christo nos corações engeihados pelo scepticismo. Acaso não forão os brados de admiração e respeito de sua alma arrancados pelo Evangelho que attrahirão as vistas sobre o Livro Sancto, fonte caudal de inapreciaveis bens? Quem ousará pois negar-lhe uma missão creadora? Se não fossem seus escritos, Mirabeau não teria do alto da tribuna pronunciado estas bellas palavras:—*A França ensinará ás outras nações que o Evangelho e a liberdade são as bases inseparaveis da verdadeira legislação, e o fundamento eterno do estado mais perfeito do genero humano.* (4)

(3) J'avoue que la magesté des E'critures m'étonne; la sainteté de l'Evangile parle à mon cœur. Voyez les livres des philosophes avec toute leur pompe; qu'ils sont petits près de celui-là! Se peut-il qu'un livre à la fois si sublime et si simple soit l'ouvrage des hommes? Se peut-il que celui dont il fait l'histoire soit un homme lui-même?

(ROUSSEAU—PROFESS. DE FOI DU VIC. SAV.)

(4) Ce fut J. J. Rousseau qui entreprit la réaction vive et militante contre le matérialisme e la philosophie anti-chrétienne. (LAFERRIERE—OBR. CITADA.)  
Voltaire c'est le rire, c'est le sarcasme, c'est l'ironie mordante et acérée;



Sustentamos por ultimo que nos movimentos e tendencias democraticas e republicanas da revolução franceza, a influencia de Rousseau apresenta-se muito superior á de Voltaire. Em verdade, contempalai a vida desses dous grandes homens, compulsai seus escritos, e diizei-me qual delles é o verdadeiro representante da democracia, qual delles a preconisa mais convictamente. Não pode haver duvida. Ninguém deixará de chamar com Louis-Blanc, (5) burguez, representante da burguezia, ao *Senhor de Voltaire e de Ferney*, gentilhomen, hospede de reis e possuidor de milhões. Ninguém poderá deixar de ver o genuino representante da democracia em J. J. Rousseau, o cidadão de Genebra, o copista de musica, cuja primeira leitura forão as obras de Plutarco e Tacito e que não corava de escrever a uma amiga a quem remette um pequeno presente:—« Desejaria enviar-vos mais, tudo porrem está muito caro aqui, sobretudo o pão. »

Voltaire viveo tres annos na côrte de Frederico da Prussia, e delle aceitou avultadas pensões, Rousseau sempre recusou o dinheiro dos princepes. Eis o que escrevia a esse mesmo Frederico, que o convidava para junto de si:—« Quereis dar-me pão? não carecerá delle algum de vossos vassallos? Tirai-me de ante os olhos essa espada que me offusca e offende, em demasia tem ella cumprido o seu dever, e o sceptro jaz abandonado. Oxalá podesse eu ver Frederico, o temido e o justo, cobrir os seus Estados de numeroso povo, de que fosse o pai, e J. J. Rousseau, o inimigo dos reis, iria morrer junto a seu throno. »

Lêde agora o que Voltaire escreve ao mesmo Frederico:—« Vossa Magestade que se fez homem » e « sonho com meu principe como com minha amante, » e em outra occasião—« aquelles que clamão contra o que chamão luxo, são pobres de máo humor. » Eis ainda o que elle escrevia ao duque de Richelieu:—« Tinheis muita razão em dizer que os Genebrenses havião perdido o juizo, mas é porque o *povo* começa a dominar. » Delle ainda temos estas palavras—« os philosophos servem a Deos e ao Rei. »

Ahi tendes o espirito democratico de Voltaire. Verdade é que tambem escreveu versos como estes:

Je suis fils de Brutus, et je porte en mon cœur  
La liberté gravée et les rois en horreur

(MORT DE CESAR.)

Rousseau c'est la tristesse, c'est l'exaltation, c'est la foi. Ce qui distingue Voltaire c'est un penchant à détruire, c'est une haine aveugle, c'est l'unique préoccupation de bouleverser les idées religieuses et politiques de son temps; ce qui distingue Rousseau c'est l'amour de l'humanité, c'est le désir de voir les hommes soumis à des lois sages, c'est l'ambition de construire. Tandis que l'un abat, l'autre édifie.

(J. CHAUDES—AIGUES.)

(5) Hist. de la revol. française.

L'injustice à la fin produit l'indépendance

(TANCRÈDE.)

Q'eùssé-je eté sans lui? rien que le fils d'un roi.

(OEDIPE.)

Mas o que é isto, e mesmo o *Tocsin des rois*, *L'homme à quarante écus*, sua obra talvez mais revolucionaria, em frente do *Discours sur l'origine de l'inégalité &c.*, do *Contract Social*, que Cezar Cantu diz ser o Código da revolução franceza, como a Biblia o fôra da d'Inglaterra? O contrato social é a republica, diz ainda o profundo Matter.

Foi Rousseau que á face da Europa, proclamou o principio da soberania da nação, pedra angular de toda a democracia. Lede a declaração dos direitos do homem da constituição franceza de 1791 e ahi encontrareis: « O principio de toda a soberania reside essencialmente na nação. Os homens nascem e conservão-se livres e iguaes em direitos. A lei é a expressão da vontade geral » e muitos outros principios que bem sabemos quasi exclusivamente só se encontrão em Rousseau.

Não é por certo a Voltaire, que cantou:

Ce héros qui regna sur la France.

*Et par droit de conquête et par droit de naissance.*

Voltaire que chamava a condemnação de Carlos I um attentado, um assassinato horroroso, que se deve attribuir a queda do throno de Luiz XVI.

Se se attender á epocha em que apparecerão seus escritos mais revolucionarios e democraticos, ha de reconhecer-se que foi depois que a voz eloquente de Rousseau pregou a democracia. Avançaremos mesmo que os assomos democraticos do patriarcha de Ferney forão excitados pelos triumphos da musa popular de J. Jaques.

Mirabeau, o representante da constituinte, cuja divisa era: — « Guerra aos privilegiados e aos privilegios » denominava a sua primeira obra *Essai sur le despotisme*, minha primeira profissão de fé de cidadão. E quem foi que introduzio no mundo das letras esta expressão—profissão de fé? Pelo estudo de suas obras e discursos verifica-se que os escritos de Rousseau forão o principal alimento da alma do grande orador.

Robespierre que representa a Convenção, como Mirabeau a Constituinte, (6) foi incontestavelmente um dos mais fanaticos discipulos de J. Jaques. Vós o vedes sempre folheando a *Nouvelle Héloïse*, o *Emile*, e o *Contract Social*, e o autor da Historia dos Girondinos nol-o

(6) Em 31 de Dezembro de 1790 a assembléa nacional decretou por proposta de Mirabeau uma estatua á Rousseau e uma pensão á sua viuva.

J. J. Rousseau mourut en 1778, onze ans avant l'ouverture des Etats-Généraux. Il n'y avait pas au côté gauche de la Constituante un homme qui ne fût à vrai dire son disciple: et jamais philosophie n'obtint une exécution si complète de ses maximes. Cette incontestable influence a été généralement

mostra indo ao retiro da *Hermitage*, antigo asylo de Rousseau, beber inspirações para escrever sua mais bella peça oratoria—o discurso sobre a existencia de Deos. Assim, se o espirito de Voltaire e dos Encyclopedistas adejou sobre os actores da festa da Razão, o de Rousseau presidio á do Ente Supremo.

Aqui suspendemos nossa exposição. Bem reconhecemos que a deixamos incompleta, deveramos examinar um por um os periodos todos da revolução, observar as reformas realisadas já na ordem civil, já na politica, já na religiosa, e ver qual das duas influencias mais fundo imprimio nellas seu cunho. Com delicias remontar-nos-íamos a essa celebre noite de 4 de agosto de 1789 em que a nobreza e o clero animados das puras chammas do patriotismo, concorrerão para a creação daquelles decretos que formão a iniciativa legislativa da grande revolução que sobre o altar glorioso da patria em que elles sacrificarão seus pergaminhos e privilegios, hasteou tremulante e altaneiro o estandarte tricolor em que a Europa admirada leu fulgentes as palavras—*Liberdade—Igualdade—Fraternidade* que são a divisa do genero humano. Já demos porem os motivos porque tão amplo não fizemos nosso trabalho.

S. Paulo 18 de Julho de 1857.

*Duque-Estrada Teixeira.*

---

## Historia Patria.

### DECENNIO DAS REGENCIAS.

(1831 Á 1840.)

O passado não é uma pagina muda, um periodo esteril da vida dos povos. E' um thesouro de grandes e fecundos exemplos para a causa da civilisação; é quasi o roteiro, que o politico deve de ter diante dos olhos para descortinar as plagas do futuro. Estudai a historia das nações, acompanhai a marcha da humanidade através dos seculos, vereis epochas tormentosas, travadas de luctas ensanguentadas, em que seus destinos parecem como vacillantes entre o oscillar do presente, e as apprehensões do futuro. Não desanimeis: segui avante vossa peregrinação por entre ruinas, que a lição da experiencia é es-

salutaire. Otez Jean Jacques du XVIII siècle, n'y laissez que Montesquieu et Voltaire, vous ne pourrez plus expliquer l'insurrection des esprits, leur ardeur à conquérir la liberté, leur enthousiasme, leur foi, les caractères, les vertus, les puissances et les grandeurs de notre révolution, Condorcet, M.<sup>me</sup> Roland et la Gironde, la tribune de la Convention.

(LERMINIER.)

cripta com lagrimas, e muitas vezes com sangue. Sofre a geração presente; mas ganha a causa da civilisação: é um sacrificio pelo futuro, um beneficio para a humanidade. Primeiro que se consolidem os destinos de um paiz, tem elle de percorrer fatalmente a escala dolorosa de difficeis iniciações; cahirá por vezes na poeira, mas nunca succumbirá nas luctas tormentosas do presente. O soffrer de hoje é o triumpho de amanhã.

O Brasil sellou com amarga experiencia a verdade desses grandes principios.

Uma revolução gloriosa, sagrada pela justiça, inaugurára sua libertação politica: sobre os restos do absolutismo erguêra-se magestoso o throno da liberdade monarchica. O astro da realza porem eclipsára-se, e a nação se víra com sorpresa lançada no meio da incerteza de um futuro assustador.

Está consumada a abdicação. O sceptro do poder repousa nas mãos da nação: impera a democracia. Uma lição dolorosa, cheia de episodios difficeis, lhe está preparada: á sua generosidade está confiado o berço imperial, e os destinos do imperio fluctuão incertos á mercê da revolução triumphante.

Estão cumpridos os votos do paiz..... mas quem sabe, se o futuro não virá enlutar o horisonte da patria, e o sol de 7 de Abril precipitar-se annuviado no abysmo da dissolução social!

O Brasil está na infancia: conta apenas nove annos de vida independente, e já no primeiro periodo de sua existencia lhe depara a Providencia provação tão dolorosa! Seu futuro está collocado sob os azares da revolta victoriosa; e os soldados da acção inda aguardão no Campo da Honra o desenlace do grande drama!

O enthusiasmo impera ainda: o triumpho inebria a todos. O jubilo do presente occulta as difficuldades do futuro.

Ao febricitante delirio do triumpho porem sobrevêm em breve a anxiedade do porvir. O successo da revolução marca apenas o primeiro passo para a grande obra da regeneração politica. Uma crise difficil pende sobre os destinos do paiz.

Para conseguir o triumpho unem-se todos; as paixões, que a revolução desencadeia, as idéas e principios oppostos, que lhe tumultuão no seio, tudo se esquece no momento da lucta. Depois da victoria porem os animos dividem-se. E' o testemunho constante da historia, a verdade eterna das revoluções.

Depois do 7 de Abril de 1831, quando já comprehendida a necessidade de occupar-se do futuro, os vencedores fraccionarão-se.

Uns estimulados pelo recente triumpho, exaltados pelo ardor febricitante da liberdade, querião levar a revolução ás suas ultimas consequencias; arrastar o paiz á uma organização ultra-democratica: o throno devia desaparecer ante a republica. Erão os *exaltados*.

Outros, inspirados por um nobre patriotismo, lendo no futuro a subversão do paiz á triumpharem as idéas republicanas, compenetrão-

se da necessidade de oppor um paradeiro ás paixões vencedoras, e emendar os erros do passado na moderação do presente. Evaristo, Feijó, Vasconcellos, Odorico Mendes, inscrevem seu nome n'essa milicia patriotica, que se arregimenta logo com omnipotencia no seio da sociedade Defensora. (1) São os moderados.

Ao lado destes querem os homens do passado elevar suas pretensões ao governo do paiz. Os restos do antigo regimen, abatidos pela revolução de 7 de Abril, não abandonão suas idéas de fidelidade ao systema decahido; agrupão-se logo em torno de uma idéa anti-nacional, e embalão-se com a restauração do ex-imperador, que querião viesse de novo reger os destinos do imperio. Era o resultado de uma lei historica: mas suas tendencias forão fataes ao paiz. São os restauradores, ou partido caramurú.

E' em presença de elementos tão desencadeados, em face de inimigos tão formidaveis, que a regencia provisoria, sahida do seio do partido moderado, recebe das mãos da revolução o paiz profundamente abalado.

Sugeita á condicção de todo governo transitorio e ephemero, jungida á uma lei de ferro, que lhe tolhe a liberdade de acção, a regencia assume o mando supremo para dar doloroso testemunho de nossa inexperiencia politica, e dos males da lei de 14 de Junho de 1831. Desarmado pela lei de sua instituição, confiado á tres membros o poder tem diante de si um parlamento omnipotente, que obedece ás mil inspirações de um patriotismo ardente, e que, em perpetua desconfiança com o principio da autoridade, olha o governo como o inimigo da liberdade, arranca-lhe suas attribuições, e mostra-o ao povo como objecto de irrisão. A regencia não tem efficacia em sua acção, nem prestigio, que acredite seus actos, e inspire a confiança publica. O interregno no Brasil é o triste expectaculo do poder manietado, nú de recursos, á braços com as exigencias da revolta e da anarchia. A consternação lavra nos espiritos: tudo vacilla, e a regencia tem por dever salvar a sociedade.

De posse do poder, ella encontra o paiz agitado pela repercussão ameaçadora do 7 de Abril. Os exaltados estão com as armas nas mãos: anima-os o triumpho recentemente obtido, e a fraqueza do poder. Projectos de revolta agitão-se-lhe logo na mente encandecida, rebentão como lavas, e precipitão-se medonhas sobre as ruas. O espirito revolucionario lavra por toda a parte, e revela symptomas aterradores: o imperio parece condemnado á perecer victima das dissensões civis.

Apoiados pela tropa indisciplinada, os exaltados apresentão-se armados na praça publica, querendo dictar a lei do governo (2): de

(1) Installada em Maio de 1831.

(2) Movimentos de 14 e 15 de Julho de 1831.

cada ponto surge um embaraço, um motim, que põe em perigo a causa publica.

A nação tem de pedir ao sabre da guerra, que a salve dos horrores da anarchia: o echo do canhão vai soar no meio das festas da liberdade.

Sem meios de repressão, a Regencia está manietada diante da revolta arrogante. O patriotismo porem é omnipotente, quando defende a causa da justiça e da nacionalidade. O poder não cede ao desanimo, e uma feliz inspiração o torna vigoroso e destemido diante do perigo. No momento solemne, em que tudo parecia perdido, em que a representação nacional se víra compellida á ir refugiar-se no paço imperial, formando com seus peites ao redor do throno uma muralha de bronze para salvar o imperio (3), nesse momento, Feijó, nomeado ministro da justiça, oppõe o prestigio de sua energia, e os recursos de sua poderosa actividade ás pretensões dos exaltados; a revolta é comprimida pelos exforços do patriotismo brasileiro: a monarchia está salva. O partido moderado consolida-se no paiz, e acha-se só no leme da náó do estado.

A epocha era difficil! Cumpria fazer surgir a ordem do seio do cahos revolucionario; conter os exaltados; reconstruir a força da autoridade abalada; firmar o imperio da lei no meio da lucta dos partidos; satisfazer emfim os votos da nação com essa reforma, que devia reconstituir o paiz sob novas bases. E essa missão grandiosa devia de ser realisada por um partido, que luctava com as pretensões exageradas de facções sangrentas, que rasgavão o seio da patria.

Tudo parecia conspirar para embaraçar a marcha do poder, e entorpecer-lhe a acção. N'esse patriotico empenho de salvar o paiz dos horrores da anarchia, tinha a regencia por adversarios implacaveis,— aquelles mesmos, que se proclamavão os sustentaculos da monarchia. Os restauradores julgarão-se, por um dever de fidelidade monarchica, obrigados a combater a todo transe um poder sahido do seio de uma revolução por elles reprovada: longe de acceitarem o facto consummado, agruparem-se em torno do governo para dar-lhe força e concorrer com elle no nobre empenho de salvar as instituições ameaçadas pelos exaltados, ligarão-se a estes para derribarem a autoridade do governo, e espalharão pelo paiz os germens de discordia, que tão funestamente o agitarão. A regencia caminhava sobre um solo volcanico, recebendo de um e outro lado os ataques duplicados de inimigos implacaveis. Este contra-senso a historia não pode perdoar ao partido Caramurú.

Com todo esse cortejo de circumstancias o espirito de revolta toma proporções ameaçadoras, e percorre o imperio em todas as direcções: a discordia civil agita os brandões sinistros da destruição e do morticinio, e deixa ver ao patriota o doloroso expectaculo da nação

(3) Veja-se a proclamação da assembléa geral de 15 de Julho de 1831.

rasgando seu proprio seio. Parece que o 7 de Abril foi uma lava incandescente arrojada sobre o paiz para o conflagrar e derramar a consternação em todos os espiritos. O solo da liberdade converte-se em lamentavel theatro de luctas fraticidas, que se sustentão de sangue e de crimes.

O Pará desenvolve uma lucta de horrores e assassinatos, que rege o solo com o sangue de innocentes victimas; e depois de manchar-se no sangue dos presidentes mandados da côrte, proclama-se independente do governo da regencia em quanto durasse a minoridade;

A capital do Maranhão é victima de uma sedição militar e popular (13 de Setembro de 1831), que revela os perigosos instinctos da populaça revoltosa;

Pernambuco vê sua capital, a populosa cidade do Recife, entregue por tres lutuozos dias (14, 15 e 16 de Setembro de 1831) ás depredações de uma soldadesca desenfreada, que se prostitue nos maiores attentados; logo depois surge no interior a horrosa guerra dos Cabanos, que por espaço de quasi quatro annos ensanguenta a provincia, e a junca de cadaveres;

No Ceará uma lucta de odientas paixões politicas lança a discórdia na provincia (14 de Dezembro de 1831), e termina pelo assassinato juridico de Pinto Madeira;

A comarca do Rio-Negro proclama-se provincia separada do Pará (23 de Junho de 1832);

Minas ve em 1833 surgir uma revolução promovida pelos restauradores, cujo primeiro grito se ergue pedindo a cabeça do presidente da provincia;

Em Cuyabá uma matança horrivel devora centenares de victimas desde o dia 30 de Maio até 5 de Julho de 1834;

No Rio-Grande do Sul uma lucta se empenha que devora a vida e o sangue dos brasileiros, e dura dez annos;

Na Bahia uma revolução apparece, que aclara scenas de horror á luz do incendio ateado pelos rebeldes para destruir a capital (7 de Novembro de 1837);

No Rio de Janeiro o insurrecionamento da Ilha das Cobras (7 de Outubro de 1831), e os movimentos de 3 e 17 de Abril de 1832 vem denunciar ao governo, que o espirito vertiginoso da revolta tem recrudescido. O partido moderado teve a mais larga parte de sua acção politica esgotada em firmar a paz no interior.

Victorioso porem d'essas tentativas revolucionarias, encontra-se elle em face de um poderoso inimigo, que ameaça altamente a estabilidade do estado; é o phantasma da restauração, que projecta sua sombra sinistra sobre o imperio, e que a consternação da nação vê já trasendo a guerra e a conflagração ao paiz.

Era o pensamento dominante do partido caramurú: só na volta do ex-imperador encherava elle salvação para o imperio: para esse fim convergião todos seus exforços, não já dissimulados, antes desenvolvidos com toda actividade na imprensa, em seus actos publicos e

em seus clubs. A sociedade militar (installada á 11 de Agosto de 1833) devia concentrar seus esforços, e promover pelos meios á seu alcance a restauração do duque de Bragança. Em 1833 partio para a Europa um dos mais notaveis vultos politicos do paiz para tentar a possibilidade de trazer ao Brasil o ex-imperador. Contava essa idéa em seu seio muitos dos mais proeminentes caracteres do paiz: era em muitos o resultado das apprehensões do patriotismo, mas patriotismo mal inspirado, e profundamente desvirtuado por uma direcção tortuosa.

Erguer a lapida do passado para resuscitar paixões extinctas, restaurar uma ordem de cousas abatida pela reacção nacional, era atirar o paiz no vortice das revoluções, e ensanguentar o imperio. As horroresas carnificinas do regresso do Carlos II na Inglaterra, os nomes de Labedoyere, Ney, Francker, assellarão com uma maldição eterna a historia das restaurações: suas paginas são escriptas com letras de sangue. Tal era a nuvem sinistra, que pairava sobre os espiritos; tal o perigo iminente, que cumpria desviar.

O poderoso instincto de conservação, e o voto do paiz armaram o governo de meios energicos para combater o inimigo commum. Uma mensagem ás camaras (7 de Junho de 1833) por parte do governo denunciou os vastos planos da restauração, e a representação nacional respondeu com o banimento do ex-imperador, como um protesto erguido contra a volta do passado: o projecto baqueou no senado, mas atraçou a energia da acção revolucionaria. Animado por ella, o poder proseguio na grande obra de aniquilar os restauradores. Desencadeiou contra elles a populaça, sancionou com sua approvação os excessos praticados: quebrarão-se typographias, invadio-se o recinto da sociedade militar forçadamente, e no proprio paço da Boa-Vista penetrou o povo, e ahi prendeu o venerando tutor do imperador, inculpado pelo governo, como cúmplice dos restauradores. (4)

O partido restaurador recebeu um golpe mortal; a acção do partido moderado pareceu terminada: sua grande missão porem era consagrar os dogmas do 7 de Abril na constituição, e realisar aquellas idéas politicas, que reclamavão o voto da nação e as circumstancias do paiz.

Entre os muitos pontos, que exigião reforma, havia no paiz uma idéa, que dominava todos os espiritos, que resumia todas as aspirações da democracia: explosão tremenda fizera ella no primeiro reinado sob o titulo de federação: anciava o paiz por quebrar essa lei de ferro, que prendia as provincias á côrte, e lhes absorvia a vida paralisando-lhe a liberdade de acção. Para mantel-as unidas ao centro, forçoso era dar-lhes certa somma de liberdade e vida propria, sem o que separar-se-hião para constituirem-se independentes.

(4) Veja-se o relatorio do ministro do Imperio Antonio Pinto Chichorro da Gama, de 15 de Maio de 1834; collecção—Nabuco.

\* Esse vulto politico foi Antonio Carlos, como elle proprio o declarou na camara.



Era a nobre missão do 7 de Abril despir essa idéa do character revolucionario, e traduzil-a nas instituições do paiz. A anxiedade da nação por essa reforma tocava seus ultimos limites, e buscava já a sancção das armas para consummal-a. Era o grande problema do futuro, que cumpria resolver para dissipar as desconfianças de uns, e firmar as esperanças de outros.

Em um momento de impaciencia, de desanimo talvez, vendo-se desarmado perante as exigencias ameaçadoras da revolta, o poder concebeu a esperança de aquietar a nação, satisfazendo de prompto seus votos com a reforma da constituição.

O patriotismo porem, que tão fatal eclipse soffrêra nas regiões do poder, allumiava em toda sua luz os eleitos do povo, e o 30 de Julho de 1832 foi repellido pela camara dos deputados. O bem publico não pedia o sacrificio da constituição, a egide protectora, que amparára o governo nos dias tempestuosos da revolução. A tentativa baqueou e o patriotismo da camara dos deputados poupou á historia da democracia uma pagina de desdouro.

Mas o voto da nação não podia morrer: devia sim atravessar a tentativa revolucionaria para realisar-se mais tarde com o sello da sancção constitucional.

Raiou emfim o anno de 1834: estava passado o primeiro periodo da agitação. A camara dos deputados, encarregada pela nação de reformar a constituição, estava difinitivamente installada. A' 12 de Agosto de 1834 o voto da nação achou-se cumprido: o acto addicional estava consumado. Respirarão as provincias, e, com a bem calculada somma de independencia, que lhes garantio a reforma, conservarão-se unidas ao centro. Foi uma gloriosa conquista da democracia, e uma medida de salvação publica. A integridade do imperio achou-se garantida.

Está firmado o triumpho da democracia: a paz publica começa de firmar-se no interior; com a morte do duque de Bragança (24 de Setembro de 1834) desapareceu da face do paiz a idéa sinistra da restauração que enlutára o horisonte da patria. A nação sentio-se como alliviada de um longo pesadelo.

A missão do partido moderado pareceu então terminada: o paiz foi por seus esforços arrancado á acção da anarchia, e lhe deve sua integridade. Mas o campo lhe pertence ainda: os destinos da nação continuão á pender de sua gerencia.

Correrão os tempos: posto em execução o acto addicional, estava abolida a regencia trina, e o mando supremo tinha de ser confiado á um só cidadão. A nação conferio esse eminente posto á um dos mais proeminentes caracteres do partido moderado. A' 12 de Outubro de 1835 Diogo Antonio Feijó, o energico ministro de 31, prestava juramento como regente unico do acto addicional.

Nas mãos de um politico firme, cercado de immenso prestigio, dotado de uma probidade á toda prova, e incapaz de transigir com o

bem publico para seu interesse individual, repousavão os destinos da nação.

O máo fado porem, que nos perseguira, pairava ainda sobre o imperio. A regencia de Feijó, que era como a aurora esperançosa da democracia, achou-se logo travada de mil obstaculos e eventualidades, que desconcertarão todos os calculos do politico, e neutralisarão suas boas intenções.

O partido moderado, já a esse tempo fraccionado e decahido da sua antiga importancia politica, perdêra larga somma de seu prestigio: desde o desaparecimento da restauração deixára de ser olhado como o symbolo da salvação publica. Alguns erros politicos commettidos por esse partido, até então unido e forte, acarretarão-lhe a defeccão de alguns correligionarios de grande vulto: Honorio, Torres, e ultimamente o desembargador Vasconcellos, um de seus mais firmes sustentaculos, separarão-se de suas fileiras, e forão engrossar o novo partido, que appareceu na arena politica em opposição ao moderado.

Critica foi a epocha, em que Feijó tomou posse da regencia. As extremidades do imperio, o Pará, e o Rio Grande do Sul estavam entregues ás luctas das dissensões civis. O regente não desanimou: conseguiu arrancar o Pará aos horrores da anarchia, e dar na revolta do Rio Grande golpes quasi decisivos.

Em vez porem de chamar a si o apoio dos caracteres proeminentes do paiz, Feijó arredou-os de si, revelando certo afastamento de homens, que havião sempre militado com elle desde o 7 de Abril.

Esta circumstancia limitou sobremodo o circulo, de que devião sahir os ministros da corôa, e o constituiu na dura necessidade de elevar á essa alta dignidade alguns nomes, que erão um escarneo á opinião publica e ao paiz. Nada retracta melhor o character de qualquer governo, nada denuncia com mais fidelidade suas tendencias e moralidade, como as pessoas, de que se elle acerca. E' como o espelho, em que se reflecte o poder: nomeae-me os individuos empregados por tal, ou tal governo, e eu me encarrego de definir-vos sua natureza.

Longe de o comprehender, Feijó chamou á si nomes, que altamente desprestigiavão seu governo. A opposição exacerbou-se, e tocou os ultimos limites. Attacava-o a imprensa de um modo descomedido: seus adversarios punhão em movimento todos os seus recursos para substituir seu governo pela regencia da princeza D. Januaria. Surgião de toda a parte os obstaculos para embaraçal-o na gerencia dos destinos do nação.

Nada entretanto o acobardava: provas de devotação pelo paiz e pela monarchia déra elle de sobejo em 1831. Agora porem o homem obstinado e de acção energica achava-se deslocado: não o talhára a natureza para os tempos de bonança. Não era Feijó o politico, que se compraz no seio da paz, no retiro do gabinete, de estudar as evoluções do systema representativo, suas exigencias e necessidades para por ellas calcular e medir sua acção. Seu character duro e tenaz o

constituia em perpetuo antagonismo com o regimen representativo, regimen todo de ponderação e equilibrio. Não queria acceitar as consequencias do systema constitucional; sua presença na regencia devia de ser uma lucta continua com as exigencias do parlamento: « reconhecemos vossos embarços, dizia este, sabemos que tendes necessidade dos meios, que nos pedís: mas negamo-vos tudo, porque não mereceis nossa confiança: abandonai o posto. » Determinada assim a lucta, um dos dous contendores devia necessariamente perecer: mas a camara era omnipotente, o regente não podia dissolver-a. Feijó resignou o mando supremo.

A' 19 de Setembro de 1837 entregou elle o poder á seus adversarios. O astro da democracia tem feito sua rotação completa: a reacção monarchica, que despontára em 1835, tem-se firmado no paiz. Está desthronizado o partido liberal: na phisionomia politica do paiz vai desenhar-se uma nova phase. O poder arma-se de novo para combater a liberdade: recomeça a lucta.

O 19 de Setembro de 1837 é um dos mais notaveis periodos de nossa historia. Marca a queda das idéas triumphantes de 1831, e a ascensão das idéas monarchicas.

Depois de libertar o paiz, nos déra o 7 de Abril o triste espectáculo da impotencia da autoridade, da dissolução dos principios de ordem, diante de revoltas sempre crescentes. Desprestigiado e sem recursos, o poder deixava ver a necessidade, que havia de reconstruil-o, e de dar-lhe meios de manter a segurança publica.

Tudo era confusão: as garantias dadas á liberdade havião revertido em prejuizo do bem publico. Uma dolorosa experiencia se encárregara de provar, que o codigo do processo, elaborado nos dias da exaltação liberal, não era calculado para as circumstancias do paiz. O acto addicional, que sellára o triumpho da democracia, déra em muitas provincias causa á desagradaveis conflictos entre a acção do governo central e provincial. Muitas leis, emanadas de assembléas provinciaes, vira-se o poder geral obrigado a revogar (5) por contem o germen da dissolução, e ameaçarem a unidade do imperio. A falta de harmonia d'isso resultante, a inefficacia do poder, a desconfiança dos espiritos, a ascendencia ameaçadora das idéas de revolta acoroçadas por frequentes triumphos, tudo denunciava o eminente perigo, que corria a sociedade de succumbir em um estado tão precario e vacillante.

O futuro desenhava-se em caracteres negros para o patriota reflectido: o paiz, condemnado á um entorpecimento moral, interrompido só pela lucta ensanguentada de paixões odientas, debatia-se entre as agonias do passado e a anxiedade do futuro. Era o momento da

(5) Veja-se a falla do throno de 3 de Maio de 1836, e resposta da camara dos deputados; e mais as Cartas de lei de 10 de Outubro de 1836; de 14 de Outubro de 1836; officio de 12 de Dezembro de 1836; e decreto de 25 de Setembro de 1837.

crise: a transição ia se operar. A nação ia trocar um passado de dolorosas provações por um futuro de organização.

O sol de 7 de Abril lançou seu ultimo clarão e desceu annuviado para seu occaso. O astro da monarchia desponta agora no horisonte e começa sua evolução.

Passou o periodo da democracia: os destinos do paiz encetão uma nova phase. A sociedade começa de erguer-se desassombrada para organizar o futuro. Lançando os olhos sobre o passado, o politico vê consternado a sorte da patria escripta em caracteres de sangue pela omnipotencia de paixões desenfreadas. O imperio debate-se sem cessar em uma lucta de exterminio, que exhaure seus recursos, e ameaça subvertel-o. A monarchia está enfraquecida: o poder desarmado: a nação collocada sob a dolorosa pressão de um futuro assustador.

Eis o triste legado, que encontra a segunda regencia do acto addicional; eis a ultima palavra d'essa lucta fatal provocada pelo poder nos dias luctuosos de 1834.

Desarmado e impotente, o goveno ahi fluctua á mercê das facções; sua acção, contrastada pelo espirito vertiginoso da revolta, denuncia uma fraqueza, que põe em serio perigo a unidade do imperio.

O Rio Grande do Sul e a Bahia estão entregues á acção de sanguinosas revoltas. Cumpre acudir ás extremidades do imperio; salvar sua integridade ameaçada; preservar a sociedade de uma subversão total. O paiz o sente: o patriotismo o reclama.

Sobre o novo governo pesa essa grandiosa missão: é a idéa dominante, que absoive toda sua acção politica. Bernardo Pereira de Vasconcellos, primeiro motor do 19 de Setembro, foi o apostolo chamado para realisal-a.

Creador e quasi arbitro da situação, Vasconcellos explana logo seu programma politico, calculado sobre as circumstancias do paiz, e denuncia em todos os seus actos uma reacção contra o passado. As grandes tendencias de seu governo estão desenhadas. Reconstituir a monarchia abatida, fortificar o poder, eis a grande these do porvir, que cumpria realisar: o ministro preponderante de 19 de Setembro assumio sobre seus hombros essa grandiosa tarefa.

A nova regencia desligou-se das tradições do passado, e concentrou seus esforços para um ponto unico: dar força á autoridade, armar o poder.

O primeiro mal da epocha era a falta de unidade nos negocios publicos: a preponderancia do elemento popular, consagrado pelo codigo do processo, as largas attribuições conferidas ás assembléas provinciaes, parecião outros tantos obstaculos á acção do poder central. A primeira necessidade da situação era a centralisação.

Sob a inspiração d'essas idéas deu o governo começo á grande obra da organização monarchica. A lei da interpretação do acto addicional appareceu como o symptoma revelador das novas tendencias;

a acção das assembléas provinciaes foi circumscripção no sentido das idéas da centralisação. Logo depois começou, sob as vistas do governo (6), á ser elaborada a celebre lei de 3 de Dezembro de 1841, que devia operar uma mudança completa no paiz, e firmar definitivamente o triumpho da reacção monarchica.

Foi um periodo todo de elaboração esse de 1838 á 1840: lança-se n'elle os grandes fundamentos da reconstrucção da autoridade. A democracia foi desthronizada: a causa da liberdade entregue de novo ás provações porfiadas de uma lucta interminavel.

O passado porem merecia ainda cultos: a liberdade não podia assistir indifferente ao despedaçamento de seus foros. A democracia era ainda uma religião, zelada com fidelidade por apóstolos devotados.

A reacção proseguia: mas no parlamento um grupo se ergueu, que oppoz com energia ás novas tendencias os protestos do patriotismo. Antonio Carlos, Martim Francisco, Montesuma, Limpo de Abreu, Alvares Machado cobrirão-se de gloria em defeza de uma causa vencida: os raios desmaiados do astro cadente da democracia illuminarão-lhes as frentes, e seus vultos apparecem com honra na cruzada, que se antepoz ao poder.

Por algum tempo ainda fluctuou o poder n'esse estado de fraqueza, que caracteriza as regencias nas monarchias. A sociedade porem não podia continuar n'esse estado oscillatorio, que era como o symptoma precursor de imminente ruina: o imperio revolvía-se em uma anxiedade afflictiva, e os laços sociaes se hião de dia á dia relaxando. Leccionado pelo passado, o brasileiro lamentava o presente, e olhava com inquietação para o futuro.

O governo regencial tocára o ultimo gráo de fraqueza: sahido do seio do povo, não o amparava esse prestigio grandioso, que para as nações acostumadas ás tradicções monarchicas constitue toda a força do poder, todo o segredo da obediencia. A indole eminentemente monarchica dos brasileiros manifestava-se infensa á um governo organizado quasi exclusivamente no sentido das idéas democraticas: era, no sentir dos patriotas escrupulosos, uma republica enxertada na monarchia.

Tudo vacillava: a integridade do imperio fluctuava á mercê de revoltas ameaçadoras, que erão como um testemunho vivo da impotencia do governo regencial. A menoridade se tornára um pesadêlo para o paiz.

N'esse estado dos espiritos, para acabar com uma situação tão penosa, não havia senão dar um verbo ao anhelar balbuciante da nação. A opposição o sentio, e incumbio-se d'essa missão gloriosa. No meio d'essa nuvem sombria de melancolia, que pairava sobre os animos, uma idéa surgio, que vinha, como iris de bonança, trazer a

(6) Veja-se a correspondencia do Snr. Senador Euzebio de Queiroz, á este respeito, inserta no *Jornal do Commercio* de 25 de Agosto de 1854.

esperança á todos os corações : era quasi o ramo de oliveira trazido pela pomba d'archa depois do deluvio : o grandioso pensamento da maioridade despontou no seio da representação nacional.

A maioridade era a consequencia indeclinavel do anhelar ancioso dos espiritos. Aventada apenas no recinto dos eleitos do povo, o voto nacional concorreu para dar-lhe a omnipotencia d'essas idéas, que atiradas ao campo da acção, tem o triumpho por meta necessaria de sua carreira.

Em seus ultimos instantes, o governo antepoz á essa idéa todos os recursos á seu alcance : embalde ! tudo quebrou-se ante a energia do voto popular. Ha nas grandes manifestações do patriotismo alguma cousa de omnipotente, que triumpho de todos os obstaculos. O horisonte politico do paiz aclarou-se, illuminou-se com os raios nascentes do astro da realza. E' a aurora de um futuro de douradas esperanças : a nação respira, e sauda com jubilo a nova era, que se inaugura irradiada pelo sol da liberdade !

*F. I. M. Homem de Mello.*

**Parecer apresentado ao—Atheneo Paulistano,—e sugitado a discussão do mesmo.**

THESES.

*Deve ser punida a intenção criminosa do individuo independentemente do acto material? Deve o acto material accarretar uma pena sobre aquelle que o praticou, independentemente da intenção criminosa?*

MEUS SENHORES.—Para resolvermos as questões que suscitão as theses que forão sugitas a nossa consideração para sobre ellas formularmos um parecer, nós a encararemos já em relação ao jure constituendo, e veremos então qual a decisão que lhes dá a nossa razão, e já em relação ao jure constituto, e então veremos o que a respeito nos falla o Codigo Criminal.

Desde já estabelecemos, como uma verdade abraçada geralmente pelos criminalistas, o seguinte preceito :— A intenção criminosa, desacompanhada do acto material não pode ser punida : 1.º porque a sociedade não tem necessidade da punição de taes actos. A intenção é um phenomeno encerrado nas profundidades da consciencia humana, e enquanto não se manifesta ao mundo externo, e não passa á execução, não abala a ordem social, porquanto não destróe, e nem perturba a harmonia existente entre os membros da sociedade.

Ora um acto a ninguem offende, e que por conseguinte não

offende a sociedade, não pode ser digno da punição social—logo a intenção pura não deve, nem pode ser punida.

Em 2.º lugar—para que a sociedade possa punir um acto, é mister que lhe seja presente—discutido—verificado, e finalmente julgado criminoso pelas leis sociaes, porque as transgredio. Ora a simples intenção é um acto todo do mundo interno que escapa a todas estas condições, e a todas as pesquisas da intelligencia humana; logo não pode ser punida.

Em 3.º lugar—E' verdade que absolutamente fallando—a má intenção é um acto culpado, porque o homem tendo diante de seus olhos a pratica de um crime, a offensa da lei a violação de um direito, está na resolução inabalavel de ultrapassar as raias que lhe serão marcadas por Deos—e pela sua propria consciencia. Mas este acto ou estes actos só offendem á Deos, e pois é claro que só por Deos podem ser punidos, tanto mais quanto só por Deos podem ser conhecidos. Deos só pode julgar-nos quanto á nossa intenção—e não a sociedade que não tem meios de chegar ao conhecimento do acto intencional, de sua intensidade etc.; logo a intenção somente não pode ser punida.

Quereis punir taes actos? Pois bem—levantai a Inquisição com todos os seus tormentos, e martyrios, empregai os meios que ella empregou nos tempos os mais felizes de sua vida, e arrancai dos escondrijos da consciencia humana a prova irrefragavel da existencia de um pensamento criminoso, que o innocente e o culpado cahirão simultaneamente debaixo de vosso cutello!

Concluamos pois que a sociedade não pode devassar a consciencia humana; não pode com mão ousada erguer uma ponta d'esse véo impenetravel que separa o mundo interno do mundo externo, sem quebra da sua ordem, e sua tranquillidade, e por conseguinte sem perigo de sua existencia.

Punir simplesmente o acto intencional é commetter um grande crime digno de uma severa punição, é grande attentado á santidade do sanctuario da consciencia humana!

Respondamos agora a seguinte these.

Estabelecemos tambem como uma verdade inconcussa, como um principio abraçado geralmente—que o acto material desligado da intenção não pode, e nem deve ser punido.—1.º Para que a sociedade possa impor uma pena—é condição necessaria, essencial, indispensavel que a justiça absoluta tenha anteriormente declarado, que o acto motivador d'essa punição é lesivo de algum direito, e praticado com a intenção de fazer mal. Ora se a justiça absoluta reconhece que taes actos são filhos do acaso, da fatalidade—chamados desgraças que aos homens acontecem, e quando muito em certos casos poderião dar motivo á satisfação civil, tambem reconhece e declara altamente que não são dignos de pena alguma, assim como não pode ser digno da

punição social o leão que se arroja á sua victima, o jequetibá que em sua queda arranca a vida ao viajante incauto.

No vasto painel da natureza humana, encontramos na scena do mundo dous personagem sempre em luta—o homem e o animal—a liberdade e a fatalidade—puni o homem e a liberdade, absolvei o animal e a fatalidade !

Sabeis, Senhores, que a 2.<sup>a</sup> condição indispensavel a toda pena é a utilidade—que se traduz em correcção do delinquente, e exemplo dos outros. Ora que utilidade pode resultar á sociedade da punição de actos involuntarios, filhos da fatalidade? O seu autor não se pode corrigir, porque não depende de sua vontade praticar, ou deixar de praticar certos actos que são produzidos pelas circumstancias que o rodeião ; e demais só se corrige o criminoso, aquelle que não só é culpado para com Deos, como para com os homens. Esta punição também não intimida aos outros, não serve de exemplo, porquanto estes actos materiaes—actos fataes podem ser praticados por todos os seres por isso que não ha vontade, e assim o homem o mais virtuoso, e o mais santo não estaria livre do cadafalso, se por ventura se admitisse que o acto material desligado da intenção podesse ser punido. Portanto concluamos que o acto material somente não pode e nem deve ser punido. Reuni o acto material á intenção, vêde se o delinquente violou as leis sociaes com conhecimento de causa, vêde ainda mais—se da punição de semelhante acto resulta algum bem para a sociedade, e então podeis applicar a pena, podeis punil-o, e ao contrario—não.

O nosso Direito constituido se acha no Codigo Criminal, e é conforme ao Direito absoluto. O art. 2.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> estabelece que crime—é toda acção ou missão voluntaria, contraria ás leis penaes. E' o acto material ligado a intenção criminosa,—e por conseguinte o acto material só por si não pode ser punido. O art. 3.<sup>o</sup> confirma este asserto quando nos diz—que não haverá criminoso ou delinquente sem má fé, isto é, sem conhecimento do mal e intenção de praticar.

Portanto o facto material é apenas um elemento para o crime, assim como o é a intenção criminosa, e nenhum destes elementos constituindo o crime ou o delicto, não pode nenhum delles separadamente ser punido, tanto mais em vista do § 2.<sup>o</sup> do art. 2.<sup>o</sup> que exige tres condições para que o facto seja qualificado crime ou delicto—1.<sup>a</sup> que seja manifestada por actos externos—2.<sup>a</sup> principio de execução—3.<sup>a</sup> que não tenha effeito por circumstancias independentes da vontade do delinquente.

D'aqui concluamos pois que o acto material simplesmente não pode e nem deve ser punido, assim como não deve, e nem pode ser punido o acto intencional somente. Punir a sociedade o acto material puro é punir também o estrago causado pelo raio, é collocar debaixo da sua acção a fatalidade com todas as suas consequencias—e punir o acto intencional é a sociedade collocar-se igual a Deos! Eis a nossa opinião.

*J. A. Leite Moraes.*



## Direito Criminal.

Deve se punir com a penalidade aggravada pela reincidencia o individuo que já tiver sido em paiz estrangeiro condemnado por um crime e commetter no Brasil outro da mesma natureza ?

### VI.

(Conclusão.)

Não tenho a louca pretensão de haver nos artigos anteriores provado exuberantemente a opposição manifesta em que se acha a opinião do meu distincto collega Baptista Pereira com os principios da jurisprudencia criminal. Entretanto a extensão que a pesar meu dei ás minhas idéas me obriga a abandonar a primeira parte do meu programma, e a considerar a doutrina do collega em face do direito internacional.

O desejo immenso que o meu amigo manifesta para que se não perca um seutil da pena com que deve ser entre nós punido o individuo que em paiz estrangeiro tiver sido condemnado por um crime identico ao perpetrado no Brasil, me leva a dizer-lhe que da sua doutrina decorre mui naturalmente uma conclusão evidentemente contraria aos preceitos da legislação internacional.

Com effeito se o meu collega não quer que os ares do Brasil tenham a virtude de fazer com que o crime expiado em paiz estrangeiro deixe de influir na penalidade do individuo que responde perante os nossos tribunaes por um delicto identico, muito menos devem concorrer para lavar a macula do criminoso que escapa á punição do paiz, cujas leis violou, e entre nós se refugia. Esta consideração me faz crêr que o collega admite de duas uma : ou a extradição do criminoso, ou a sua condemnação no paiz em que se asyla.

Vê portanto o meu amigo que não avancei uma proposição absurda, quando disse que a sua doutrina se oppunha aos principios do direito das gentes.

A extradição, independentemente dos tratados internacionaes, não é obrigatoria para os povos. Os celebres Publicistas Puffendorf, Voet, Martens, Klüber, Leyser, Kluit, Saalfeld, Schmaltz, Mittermaier, Heffter, Silvestre Pinheiro, Wheaton, Ortolan e outros a condemnão. Não desconheço a existencia de tratados por meio dos quaes se dá a extradição de certos criminosos, mas, como Mittermaier, digo que a existencia d'esses tratados, prova que sem elles é inadmissivel a extradição.

A circular de 5 de Abril de 1845 expedida em França pelo Ministro da Justiça, e abraçada pela maior parte dos codigos europeos, declara que jamais se deve conceder a extradição de pessoas con-

demnadas ou perseguidas por crimes politicos, puramente locais e delictos ligeiros, e proclama unicamente a extradição dos refugiados condemnados ou perseguidos por crimes graves e de direito commum. E' certo que da ennumeracão dos crimes exarados nos tratados internacionaes sou obrigado a concluir que se não dá a extradição a respeito de todos os delictos de direito commum, mas unicamente acerca dos de maior gravidade.

Ora sendo a extradição unicamente do dominio do direito internacional positivo, e tendo somente applicação a respeito dos criminosos de que mais se deve temer, é evidente que não pode prevalecer a opinião do meu collega por della decorrer a extradição independentemente da existencia de tratados, e portanto acerca de todos os criminosos. Vou agora occupar-me da segunda proposição do dilemma que apresentei.

Ortolan na sua luminosa obra—Diplomacia do mar—declara que a justiça penal de um Estado é somente applicavel aos crimes praticados dentro do seu territorio, e nunca a aquelles commettidos em paizes estrangeiros, á bordo dos vasos de guerra e navios mercantes estrangeiros, quer no alto mar, quer nos portos onde estacionarem. Como respeitador dos direitos da nação a que o navio mercante pertence, e do Estado senhor do porto, em que estaciona, aceito as limitações apresentadas por Ortolan.

A Inglaterra, os Estados-Unidos e outras nações seguem á risca a opinião desse illustre Publicista. A França porem a abraçou com duas limitações.

Consequentemente se a extradição apenas se dá em limitadissimos casos, se a justiça de um paiz não se estende alem dos limites do seu territorio, é evidente que a maior parte dos criminosos que entre nós se refugiarem não soffrerão punição alguma, e se assim é, como devemos pugnar pela penalidade aggravada pela reincidencia no criminoso que já tiver sido em paiz estrangeiro condemnado por um crime, e commetter no Brasil outro da mesma natureza?

Admittir a opinião contraria é sustentar que uma sentença criminal dada em um paiz tem effeito n'outro.

A nossa legislação vem em auxilio da minha opinião. O Aviso n. 68 de 23 de Julho de 1845 declara que não compete á autoridade brasileira conhecer dos crimes praticados em alto mar á bordo de navios mercantes estrangeiros. O Regulamento consular de 11 de Junho de 1847 que modificou o de 14 de Abril de 1834 declara nos artigos 133 e 136 que ás autoridades brasileiras compete o conhecimento dos crimes praticados á bordo dos nossos navios mercantes, quer no alto mar, quer nos portos das nações onde estacionarem.

## VII.

A opinião do meu collega, alem de ser contraria aos principios

de direito criminal e internacional, é inconveniente. Ninguém por certo sustentará que um crime praticado em paiz estrangeiro seja uma violação ás nossas leis, e se a tranquilidade social não foi perturbada pela sua perpetração, como exigir que se apresente aos nossos olhos um facto que muitas vezes a voracidade dos tempos tem riscado da memoria dos homens? Como pugnar pela opinião do meu collega que tende a aviltar a condição daquelles que supplicão a nossa protecção? Abramos as portas do Brasil a todo aquelle que quizer adoptal-o por patria, mas não busquemos descobrir o seu passado, nem tão pouco indagar se suas acções forão sempre as que todo o homem honesto deve praticar. Supponhamol-o bom e digno de nossa protecção, em quanto não desmentir o juizo que d'elle formarmos.

A opinião contraria acarreta o absurdo de se investigar o passado do individuo que entre nós vem residir. Que hospitalidade é esta que aconselha um exame tão offensivo á dignidade do homem?

Não se pune um acto por ser unicamente um signal de maior ou menor immoralidade da parte de quem o pratica. As conveniencias sociaes devem tambem concorrer para a sua punição. Que interesse tiraria a nossa sociedade de se agravar a penalidade pela reincidencia ao individuo que já tiver sido condemnado em paiz estrangeiro por um crime e commetter entre nós outro da mesma natureza? Se a conveniencia publica aconselha a prescripção dos crimes e das pennas, porque não hade autorisar o esquecimento de um delicto cuja perpetração foi indifferente a uma nação?

### VIII.

Eis-me chegado á ultima parte do meu programma, e como cumprir da promessa que fiz, vou responder aos argumentos de que lançou mão o meu illustrado collega para a sustentação da sua opinião. Temo não ser feliz no meu proposito; o meu eserupulo sobe de ponto, quando considero que as razões apresentadas pelo meu amigo são as mesmas que Nicolini proclama como sufficientes para a admissibilidade da doutrina que abraça, e da qual já devem estar scientes os meus benevolos leitores.

O dilemma de Nicolini não póde ser invocado em auxilio da opinião do meu collega. Não se trata de saber se os tribunaes do Brasil conhecem ou não a condemnação que um individuo entre nós criminoso soffreu em paiz estrangeiro, mas sim se essa condemnação autorisa a aggravação da penalidade pela reincidencia. Creio já ter sufficientemente demonstrado a impraticabilidade de semelhante systema.

Os argumentos—onde a lei não destingue não devemos distinguir—as leis penaes se não amplião nem se restringem, são proposições tão comesinhas e sedicças que jamais deixão de ser invocadas em todas as questões. Ellas servem para tudo, e teêm uma tal elasticidade que resolvem todos os problemas da jurisprudencia.

Não é debalde que alguns escriptores têm repellido semelhantes maximas de que os espiritos timidos se apoderão como principios infalliveis da hermeneutica juridica. Negar ao jurisconsulto, ao magistrado e ao advogado o direito de apprehender o sentido da lei para melhor applical-a, é aconselhar a applicação da lei independentemente de qualquer acto intellectual. Quantas vezes se não diz que as disposições criminaes só devem ser entendidas restrictamente? Qual das duas opiniões será a verdadeira, a que acabo de apresentar, ou a do collega? Quantas vezes se não amplião as leis penaes? O nosso codigo criminal considera como estellionato a venda do objecto alheio, e não é por meio de uma interpretação ampliativa que dizemos ser estellionato não só o individuo que effectua uma venda, como o que realisa duas?

Os argumentos por mim combatidos levarão o meu collega a tirar a conclusão de ser o § 2 do art. 16 do nosso codigo criminal applicavel não só aos individuos que por duas vezes se tornarem criminosos no Brasil pelo mesmo crime, como a aquelles que condemnados em paiz estrangeiro por um delicto commetterem entre nós outro da mesma natureza.

Similhante conclusão só poderia ser admittida, se por ventura o Brasil possuisse unicamente um codigo penal. O Estado a que temos a honra de pertencer rege-se tambem por leis internacionaes, e é suppor ignorancia da parte do nosso Legislador sustentar que a disposição do § 2 do art. 16 do codigo criminal tal qual se acha redigida é applicavel aos individuos que condemnados em paiz estrangeiro por um crime commettem no Brasil outro da mesma natureza.

Não posso deixar sem resposta uma razão invocada pelo meu amigo em auxilio da sua doutrina. O estrangeiro, diz o collega, é sempre uma pessoa suspeita, porque não tem amor ao paiz onde reside, nem a elle se acha preso pelos laços de familia. E' um argumento pueril o que acabo de manifestar aos meus leitores.

Não sabe o meu collega que os Estados concedem hoje aos estrangeiros a mesma protecção que aos nacionaes? E por ventura não vemos a cada passo os estrangeiros naturalisarem-se nos paizes onde encontram a felicidade que sua patria lhes negou, e muitas vezes nelles casarem-se?

Finalmente Merlin e Chauveau seguem a opinião que sugeito á critica judiciousa dos meus collegas, e acredito ser uma gloria para mim o errar com os dous jurisconsultos citados.

Concluo aqui as minhas considerações. Peço ao meu amigo Baptista Pereira, que me desculpe por haver ousado oppor-me á idéas que desenvolveu no seu bello artigo: se assim procedi, foi por ter certeza de que o meu collega só por um desejo de fazer realçar o seu talento sustentára a opinião que me atrevi a combater. Não tenho a vã presumpção de haver inteiramente destruido os argumentos do meu collega; e convencido de que as razões por mim apresentadas se-

rão em breve pulverisadas por um simples manejo da sua habilissima penna, declaro que ser-me-ha difficil, senão impossivel, voltar novamente á imprensa.

*A. J. de Castro Silva.*

**Discurso que na sessão magna do—Ensaio Philosophico Paulistano—, proferio o Sr. Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira, na qualidade de orador do Atheneo Paulistano.**

SENHORES.

E' da intelligencia que o mundo espera a liberdade, é a liberdade seu ultimo e soberano bem.

Vós conhecereis a verdade e a verdade vos libertará, disse o Divino Mestre. Já 40 seculos antes a humanidade o havia sentido, sua constante aspiração fôra sempre a conquista da liberdade pela sciencia, é esse o alvo que sempre fitou e fita em seu incessante caminhar. Mas essa aspiração é por demais sublime para realisar-se em um dia, esse alvo em demasia elevado para com um passo tocar-se. Eis porque a historia é a grande epopeia em que a vóz retumbante dos seculos rememora as grandiosas pugnas da intelligencia contra a materia, contra a ignorancia, contra os erros e contra as paixões,—nova hydra de 100 cabeças, que a cada instante lhe tolhe o passo e busca suffocar-lhe o alento. Eis porque a lista de seus heróes é um longo e triste martyrologio!

Cada uma d'essas 100 cabeças que cahe, isto é, cada principio novo que se proclama, cada instituição salutar que se firma, cada revolução que beneficemente reforma o estado da sociedade, quantos soffrimentos, quantos sacrificios, quantas mortes não custão?

Para só fallar de uma, como vingou, perguntarei, a revolução christã que tinha de fazer brotar no seio do mundo uma fonte caudal de inapreciaveis bens?

Estamos nos primeiros tempos do christianismo, diz um brilhante escriptor. « O que vemos? Um povo inteiro de penitentes e de martyres empenhados em morrer. O mundo era um calvario, o mundo era cruz. »

Quem ousará contestar a verdade d'essas eloquentes palavras de Esquiros?

Hoje mesmo, Senhores, no seculo XIX, em meio de uma sociedade opulenta das victorias das passadas gerações, qual é a condição da intelligencia, como são respeitadas seus foros, como seguidos os principios de liberdade, igualdade, e fraternidade por ella conquistados e proclamados?

Olhai para Europa, onde ella firmou a séde de seu throno glorioso: o despotismo suffocando as mais nobres nacionalidades peza sobre quasi toda ella, desde a Russia até Napoles, onde um rei cioso de imitar os Neros e os Caligulas, não cessa de tyrannisar um povo que tem por crime unico o de não haver ainda sacudido o ignominioso jugo que lhe elle impoz. A França, esse cerebro do mundo, no dizer de um illustre escriptor, vê sua liberdade d'imprensa cerceada pela thesoura da censura, para me servir de frase de Cormenin, e sente oppresso o peito pelo throno d'um homem que ella recebeu de braços abertos, acreditando-lhe os protestos de dedicação e os juramentos de sempre pugnar pela Republica Franceza, e até de promover a republica universal. A reacção catholica tenta efficazmente extinguir a liberdade do pensamento e da consciencia; por toda a parte enfim procura-se postergar os foros da intelligencia, renegar e aniquilar seus principios sacro-santos!

Felizmente, Senhores, o despotismo como o inverno pode emurchecer a arvore da liberdade, mas não impedir que tenha sua primavera, que reverdeça. Deixai que temerarios lilliputianos tentem suspender o curso do carro triumphal da civilisação, d'esse carro que tantas gerações, tantos povos e tantos thronos tem esmagado obedecendo ao impulso que lhe imprimio a mão do Senhor!

Nem por vermo-nos livres de muitos d'esses males que ha poucos vos aponteí são-nos elles indifferentes. O principio da solidariedade dos povos é hoje incontestavel; e já alguém disse: « é preciso que a França pense para que o mundo seja livre. » . . . .

Sinto agora que desvairado vôo desferio o meu pensamento, e que longe andei do assumpto que principalmente devia occupar-me: perdoai-me; já nelle entro.

Em verdade, si sublimada é a missão da intelligencia e si benemeritos da humanidade são os que a ella se votão e por ella soffrem, que gloria não vos cabe a vós, Senhores do— Ensaio Philosophico Paulistano—que lhe erigistes este bello templo, e que para sustental-o tanto tendes soffrido? Tendes soffrido, sim, porque ninguem ignora o triste fadario das emprezas scientificas e litterarias de nosso paiz. No berço já encontrão ellas peçonhenta vibora, que no seio o veneno lhes embebe extinguindo-lhes a vida a mais rica de promessas e de esperanças muitas vezes. Disso tendes recente e triste prova na morte d'essa bella—Arcadia Paulistana,—que ainda ha tão pouco, brilhantemente concorria comnosco aos vossos festivaes banquetes.

Para essas emprezas, Senhores, viver é lutar, por isso cada dia de vida é uma nova victoria. Hoje pois que vencestes mais um marco da ardua peregrinação, razão tendes de entoar enthusasticos epanicios e de ostentar ufanos os trophéos ganhos.

A vosso lado, trilhando a mesma vereda, lutando as mesmas lutas cruciantes pela mesma idéa, existe o—Atheneo Paulistano—vosso companheiro e vosso irmão. Elle respira o mesmo ar que vos

alenta o peito, em seu coração echoão todas as palpitações do vosso. Elle exulta com as alegrias vossas, e se amargura com vossas dôres. Assim, embora não o convidásseis a partilhar do vosso triumpho, nem por isso deixaria de saudar jubiloso o estandarte que hoje levantaes avante.

Como bom irmão porem, cordial convite fizestes e eil-o prompto ao grato chamado. Aceitai pois, denodado e glorioso—Ensaio Philosophico Paulistano,—sua saudação sincera—e o voto fervoroso que faz para que continueis invicto a immortal carreira e consigais realizar as vossas aspirações nobres e sublimes.

---

## LITTERATURA.

---

### Considerações sobre a actualidade da nossa litteratura.

#### I.

Em extremo acanhada conserva-se ainda a nossa litteratura—essa litteratura verdadeiramente brasileira, que estreou com os *Suspiros poeticos*, os *Primeiros cantos* e as *Brasiliannas*. Brillante foi seu começo. Nas tres obras que inaugurarão seu apparecimento, ou antes, demarcarão a distincção entre ella e essa litteratura mixta do seculo passado, ha todo cunho de uma poesia nova e fresca como a natureza americana. Os *Cantos* do Snr. Gonçalves Dias exprimem de uma maneira original todo esse luxo de vegetação e de vida de nossas florestas, cujos perfumes e harmonias embevecião o Rei da litteratura contemporanea, o cantor dos *Martyres* e de *Atala*. Ha ahi canticos patrioticos que recendem uma melancholia suave como a que transpira d'essas nossas noutes de alvo luar inundando o ceo e os valles. O estylo dos *Primeiros* e dos *Segundos Cantos* é correcto, e até mesmo a forma é ás vezes demasiado cuidada, o que diminue algum tanto a belleza de certas poesias, como entre algumas a que tem por titulo o *Gigante de pedra*.

As *Brasiliannas* revelão o mesmo sentimento da grandeza do novo ceo: transluz n'ellas muita vivacidade de inspiração, muito amor á patria. E' incontestavel que de nossos poetas é o Snr. Porto Alegre o que com mais força e energia exprime seus pensamentos; mas tambem o seu descuido na forma seria imperdoavel, si não fosse compensado este deffeito pela agradavel e duradoura impressão que nos deixa a leitura de suas poesias. Seus versos são duros, asperos como o poetar de Philinto Elysio: e á fazermos uma classificação, collocariamos o Snr. Porto Alegre na eschola de V. Hugo, assim como o Snr. Gonçalves Dias na de Lamartine.

O Snr. Magalhães—estamos bem certo que sua gloria elle a deve aos *Suspiros poeticos*, que tão bem merecem esse titulo. Si seus *Suspiros* não lhe tivessem dado um nome, não seria esse mediocre poema da *Confederação dos Tamoyos* que lhe cingiria á frente os louros do genio. Desejamos porem que houvesse um pouco mais de *brasileirismo*, que seu colorido fosse mais fresco e sobretudo houvesse mais justeza na expressão. Comtudo sua ode á Napoleão em Waterloo é uma das mais sublimes composições que possui a lingua portugueza. Conhece-se que o poeta foi inspirado de principio á fim; e sua poesia é uma expressão fiel do assumpto grandioso que lhe occupou a imaginação. Não seria nimia indulgencia pôr essa poezia em parallelo com a de Manzoni sobre a mesma materia; e preferil-a a de V. Hugo, que descahe muito na ultima parte, onde o lyrismo e—diremos mesmo—o bucolico das comparações diminue muito a força da expressão de alguns pensamentos magnificos das duas primeiras partes.

Compare-se uma d'essas paginas com as dos poetas da litteratura luso-brasileira, e ver-se-ha que differença vai do Snr. Gonçalves Dias á Gonzaga, dos Snrs. Porto Alegre e Magalhães á Claudio Manuel, á Alvarenga Peixoto ou Caldas. Sente-se uma liberdade e fogo de inspiração, um novo modo de sentir e de reproduzir as emoções, que bem mostram que os nossos contemporaneos fazem parte de uma litteratura nova, abrirão uma phase muito caracteristica na litteratura lusitana.

Porem o termo de parada d'esse novo caminho está ainda bem longe; temos de percorrer um espaço immenso: diremos mais, um passo não se tem dado para isso. Com effeito, á não serem essas tres obras que acabamos de apontar, não sei qual outra haja que possa ser classificada como um monumento de poesia brasileira. Talvez possamos exceptuar a *Confederação dos Tamoyos*, á quem muita gente illustrada nega o colorido brasileiro, isso que é um typo de nacionalidade;—o poemeto da *Caridade* do Snr. Pessoa, que encerra algumas bellezas, como no canto VI os versos em que o poeta maldiz da escravidão e da pena de morte;—o poema-romance *os tres dias de Noivado* do Snr. Teixeira e Sousa, e algumas bellissimas composições de Alvares de Azevedo. Alem d'essas obras..... talvez as *Americanas* do Snr. Norberto. Porem em compensação promette-se muito: o *Colombô*, os *Timbyras*, e o *Descobrimento do Brasil*, virão dar muita importancia á nossa litteratura nascente, si seus auctores forem mais felizes do que os Snrs. Magalhães e Teixeira Sousa. (1)

No theatro é lamentavel nossa penuria. O *Phantasma Branco*,

(1) Fallamos da *Independencia do Brazil* do Snr. T. e Sousa que pretendeu pol-o á salvo da critica, dizendo que a escrevera para os vindouros. E' bem possivel que sua obra viva sempre de esperanças como a *Henriade* que talvez fosse tambem dedicada aos vindouros.



o *Cego de nascença*..... e as espirituosas comedias do fino critico Penna, eis o que temos. Entretanto não se pode dizer que entre nós não se dá animação ao theatro; a culpa não é tanto do governo, mas sim de nós mesmos, de nosso desleixo, de nossa admiravel inercia. Já podemos dizer que temos uma poesia brasileira, mas um theatro nacional é ainda problematico.

No romance os Snrs. Teixeira e Sousa, Bacharel Teixeira e Macedo tem-nos dado alguns volumes, e talvez seja este o genero que mais prometta. O *Gonzaga* do Snr. T. e Sousa era assumpto para um poema, porem nos dous pequenos volumes em que seu autor nol-o deu com forma de romance, pouco ha de notavel. *Marilia*ahi poderia ter sido um typo de mulher como *Laura*, *Ignez de Castro*, *Atala*, *Moema*, *Lindoya*, e tantos outros caracteres de mulher amante que primão em litteraturas que não a nossa *Marilia*, a virgem dos sonhos dourados do poeta que foi sepultar nos areaes do deserto o ardor da liberdade que lhe pulsava no peito, regando essas praias inhospitas com prantos que orvalhavão por ventura uma canção de saudades pelas florestas que lhe ouvirão torrentes de inspiração,—*Marilia*, a pobre mulher tão atrozmente ~~colunada~~ pelo Snr. Lopes de Mendonça no *insultada* acesso de um rancor pueril e assaz ridiculo,—transparece do romance do Snr. T. e Sousa como uma mulher vulgar que ama e é amada: nenhum traço caracteristico que fizesse-nos concebê-la como um ideal de belleza. Bem pobre de inspiração e de poesia, o *Gonzaga* nenhum valto faz nas lettras brasileiras.

A *Heroína do Pará*, *Matta-escura* e mais dous ou tres romances do Snr. Bacharel Teixeira, a *Moreninha*, o *Forasteiro*, o *Moço louro* e outras composições do Snr. Macedo, merecem ser lidas: são assumptos nacionaes e bem manejados.

Nos romances de assumpto patrio deve haver mais alguma cousa do que a narração dos factos, a descripção da natureza, e os costumes; deve ahi recender um perfume que seja peculiar a nossos arbus-tos recamados de verduras e matizes; deve o sol fulgurar com brilho novo; deve haver um pouco mais de sentimentalismo, ao lado das graças ingenuas, dos simplics atavios de uma natureza virgem. E' esse ar de americanismo que tanto abunda em *Atala* e nos *Natches*, onde Chateaubriand parece fallar uma linguagem que não é a dos *Martyres* nem a do *Genio do Christianismo*. E' que para ser roman-cista como Chateaubriand, é preciso ser poeta como elle: não basta ver, é preciso sentir; não basta sentir, é preciso saber exprimir-se. A grande arte do escriptor é combinar a idéa com a forma, de maneira que uma, bem longe de desmentir a outra, sirva antes para realçar-lhe o brilho. Entre nós tem-se geralmente em muito pouca conta a questão da forma; mas entretanto ella mereceria ser melhor estudada. Ninguem ignora que ás vezes um pensamento mediocre produz muita impressão quando é dicto por uma phrase feliz.

## II.

E' um principio historico que os discipulos exaggerão sempre as doutrinas de seus mestres, porque baldos de genio ou inflamados por um enthusiasmo que exprime firme confiança em sua causa, querem chegar ás consequencias extremas, e não sabem avaliar o justo alcance do principio em que se apoiam. Goëthe e Byron são os discipulos exaggeradores de Shakspeare e Chateaubriand; e é visivel como todas as litteraturas contemporaneas tem sido influenciadas pela escola de ambos. O drama e a ode, que são os dous moldes em que se funde a vida social de hoje, vão respirando muito das idéas d'esses dous genios, em certo modo anomalos. O terror e o pathetico levados á excessão, a exaltação das paixões, as violentas emoções e até mesmo essas truanices envoltas com o horror, que constituem o caracter do drama tragico da Shakspeare;—o tedio da vida que se consome em inuteis aspirações, a febre das emoções que termina-se por um delirio ou por um espasmo, quando as crenças religiosas não vem apagal-as com o enthusiasmo da fé,—o que constitue o caracter de *René* de Chateaubriand;—tudo isso foi ~~apresentado~~ no drama e na ode; fez-se de tudo isso um jogo de espirito, e resultarão creações extravagantes, alias com elementos capazes de produzir grandiosos monumentos.—Goëthe e Byron tomarão a seu cargo o reverso da medalha da vida, e tudo quanto ahi ha de turvo e mareado, transparece em *D. Juan* e *Fausto*.

Todavia em quanto *D. Juan* enloda nos excessos de sensualidade suas illusões e esperanças de mancebo, e *Fausto* enjoado de saber e de gozar, treme diante da morte, e *Mansfredo* nos delirios de seu illuminismo tenta despedaçar os laços da carne nos alcantís do despenhadeiro do Jung-Frau, e é detido n'essa aspiração tresloucada pela mão da fatalidade:—todavia, dizia eu, Byron e Goëthe exprimem de um modo muito verdadeiro a actualidade.

E' innegavel e por todos sentido, que estamos em uma epocha de transição, d'isto que Cousin appellidou *relação do finito e do infinito*; d'essa combinação de dous elementos esparsos mas alliaveis, e que se vai produzindo na historia, deve necessariamente resultar um producto, como fim em vista do qual foi ella operada.—Ha em *Mansfredo* e *Fausto* essa aspiração para o infinito, esse ardor de conhecer a existencia em toda sua plenitude, esses sonhos e pezadellos de uma ebriez passageira, durante a qual se lhes figuravão realisando-se os typos de suas idéas; mas o *Destino* e *Satan* que zombão d'essas aspirações, fazendo-lhes comprehender que não passam de vertigens de seus cerebros extenuados pelos labores e pelo ancian da intelligencia em lucta com a materia, assaz mostrão que é impossivel agora outra cousa mais do que um trabalho de combinação, e que a epocha é só de transição. Nem outra cousa mostra-nos a historia.

E' a razão porque Byron e Goëthe tem tido tanta influencia sobre

as litteraturas contemporaneas. Entre nós principalmente, n'essa nova geração de poetas que começa á apparecer, nota-se uma tendencia extraordinaria, talvez irreflectida, para a eschola byronianna, e á tal ponto que muito se assimelha á servil imitação. Nota-se ahí o que Gantu disse de Byron—*affectada misanthropia coberta por uma crosta voluptuosa.*

Considerando-se o genio de Byron pelo lado intimo de sua individualidade, vemos muitas causas exteriores que produzirão essa melancholia concentrada, esse desespero sombrio que se termina por um riso sardonico ás mais sanctas instituições da vida social. A' quem conhecer a biographia do poeta inglez, será facil adivinhar concepções como *Lara*, *Conrado* o pirata, *D. Juan* o hespanhol que se affana em voluptuosidade e tedio, *Cain* o hypocrita que amaldiçoa a vida, *Werner* e tantas outras creações que revelão expressivamente seus intimos pensares. Byron soffreu; e seus poemas manifestão as crises violentas porque passou sua alma. E' uma d'essas imaginações «um tanto phisicas, como diz Villemain, que precisão ser excitadas pelas provas immediatas e pelas sensações da vida. Então o poeta não obra, não crea; soffre e traduz vivamente seus soffrimentos.» D'ahi vem esse individualismo exagerado, que se exprime debaixo de uma forma sensualista.

Ha ainda mais. A epocha do apparecimento de Byron muito influenciou em seu genio, e aqui consideramol-o pelo lado externo ou historico. «Os poemas de Byron, diz Alvares de Azevedo em sua prosa fervida e abundosa, os poemas de Byron são o espelho d'aquella epocha toda. Quando uma philosophia inteira estabelecia o axioma do scepticismo, e quando a populaça dormia esquecida de Deos sobre os tumulos vazios de seus reis—quando a cruz se estalara no frontispicio das cathedraes, e a fronte livida e eburnea dos crucifixos se despedaçara nas lageas do templo profanado—não era de espanto que a poesia viesse entoar o cantico dos funeraes da crença no cadaver da religião.» Quando Byron appareceu no mundo, sentindo borbulhar-lhe nas veias a vida e n'alma o genio, o sensualismo do seculo XVIII com todo esse cortejo do scepticismo de Voltaire, da descrença de Volney, da ironia de Diderot, e da misanthropia de J. Jacques, despregava ainda sobre a sociedade suas bandeiras luctuosas. E essas theorias que apressarão a explosão da revolução franceza tiveram decidida influencia sobre o espirito de Byron, que soube reproduzir em seus poemas todos os sentimentos que boiavão em sua consciencia aos pallidos lampejos de uma crença quasi apagada. As scenas sanguinosas, os attentados e violencias, os crimes e a perversidade da revolução quando exorbitou do circulo em que devia actuar, explicão satisfactoriamente caracteres taes como *Lara*, *Conrado*, o *Giaour*, *Child-Harold*.....

Quanto á Goëthe, comprehende-se tambem facilmente a originalidade de sua vastissima capacidade, de sua imaginação desordenada

mas sublime. Discipulo de Shakspeare, o seu *Fausto* é « um poema dramatico, diz Villemain, cheio das abstracções de nossa epocha, que retraça essa saciedade da vida e da sciencia, esse fastio ardente e vago, molestia de extrema civilisação, onde Goëthe diverte-se em copiar os cantos selvagens e grosseiros das feiticeiras de *Macbeth*, fazendo um extravagante jogo de espirito, em vez de uma pintura simples e terrivel. » Henrique Blaze disse bem que é em parte á França que se deve « a attitude poderosa d'este imperador singular que em uma das mãos sustenta o mundo antigo e em outra o mundo novo, e ora peza-os gravemente, ora diverte-se em chocal-os um á outro, jogando ainda em sua phantasia com as mil scintellas sonoras que d'abi saltão. » Porem não é só á França do seculo XVII, é tambem á França da revolução que o poeta allemão deve essa singularidade do seu genio. *Fausto* é da tempera de *Manfredo*: o mesmo affanoso desejo de prescrutar o infinito, o mesmo sombrio devanear pelos deleites gosados na solidão, a mesma misanthropia, a mesma consciencia de sua nihilidade em face da natureza.

Muito cedo comprehendeu Goëthe que em seu cerebro privilegiado laborava muita essencia divina, e desde então dacta esse culto perenne do seu pensamento, essa impassibilidade do genio que faz sua força e sua grandeza, (2) esse despreso, constrangido, porem sustentado com valor, de todas as impressões que podessem abalar seu espirito, e que lhe servirão como de meios para plena adoração de sua intelligencia. Sublime sacrificio do genio em prol de uma idéa grandiosa que lhe assomara na mente em um momento de superior revelação! Essa idéa vemos realisada: o *Fausto* é a sua forma. Considerando-a de perto, é, como eu disse, a imagem da sociedade, a expressão completa da intimidade da vida de hoje. E para exemplificar essa impassibilidade de seu genio e de seu coração, essa força de vontade que constitue um elemento de sua superioridade e pela qual não lhe fazião mossa no espirito nem o alarido das turbas, nem os pruridos do orgulho,—lá alveja obscuro á sombra dos salgueiros que nas noutes nebulosas derramão sobre elle lagrimas de orvalho, o tumulto de Frederica—essa mulher de collo de neve, louras tranças e esgazeados olhares onde revelava-se o ardor da imaginação e a profunda energia da paixão. Goëthe comprehendeu-a, mas não deu-lhe em troca o mesmo entusiasmo de amor. Frederica não se illudiu; e em melancolica e suave tristeza desfinhou, como a flor que abre ao dia suas petalas perfumosas e não encontra um raio do sol que a vivifique. Ella morreu, como diz Blaze, blasphemando da poesia sua atroz rival; e todo mundo sabe que de pezares custou a Goëthe essa morte, não obstante seus esforços para repellir suas magoas.

*Fausto* é Goëthe: o livro do poeta é a sua mesma individualidade.

(2) H. Blaze, *Ensaio sobre Goëthe e o segundo Fausto*, em frente de sua traducção franceza.

Ahi estão seus senhos, suas esperanças, seus sentimentos, ideias, affeições, estudos, sua vida emfim.

Vejamos agora a influencia que Byron e Goëthe tem tido sobre a nossa nascente litteratura, como se realisou ella ao lado da influencia da litteratura franceza, e finalmente si é d'ahi que provem o atraso de nossa litteratura.

(*Continúa.*)

*Macedo Soares.*

## POESIAS.

### O TROPEIRO.

Camarada, toca avante  
Que o sol se vai occultar :  
Mais uma legoa—adiante  
Devemos nos sestar .

Vês o ceo? está formoso,  
Brilha a estrella do pastor.

O tropeiro vai saudoso ,  
Vai cantando o seu amor.

Lá deixei na minha terra  
A mulher com quem casei :  
Ao descer d'aquella serra  
Saudoso pranto chorei!

Que a morena é minha vida ,  
E' na terra a minha flôr.

A minh'alma vai partida ,  
Só me alenta o seu amor.

Vivo ao sol, á chuva, ao vento  
Cuidando só do que é meu ;  
Mas de amor o pensamento  
Ai morena, é todo teu !

Sai-me do peito um suspiro ,  
Quando vejo o sol se pôr .

Tem poesia o retiro ,  
Tambem tenho o meu amor.

Olha a tropa, camarada ,  
Que não se vá despensar :  
Iremos, se está cançada ,  
N'aquelle pouso posar .

O rancho não é seguro?  
 Pouco importa ao meu valor.  
 Deos conhece do futuro;  
 Fez-me forte o seu amor.

A garrucha trago ao lado,  
 E o meu trabuco tambem;  
 Cobre o ponche adamascado  
 O punhal que á cinta vem.  
 Valente quem fôr que o diga;  
 Ousado venha quem fôr.  
 Sei chorar minha cantiga,  
 Sei morrer tambem de amor.

Dá-me, patricio, a vióla  
 Quero a modinha ferir:  
 O meigo canto da rôla  
 Não tem mais doce carpir!  
 Que o tropeiro apaixonado  
 Tem na voz muito langôr.  
 O meu peito vai ralado,  
 Só me alenta o seu amor.

« A flôr do valle mimosa  
 « Tem perfume a rescender;  
 « Gosto de vê-la chorosa,  
 « De manhã ao sol nascer.  
 « E' como *ella* a flôrzinha,  
 « A desmaiar-se de dôr.  
 « A morena é toda minha,  
 « Deu-me todo o seu amor.

Agora venha aguardente,  
 Quero o fandango tocar:  
 Passa-se a vida innocente  
 Quando se vive a dançar.  
 O trabalho do costeio  
 Não desagrada o senhor.  
 De chilenas sapateio;  
 No dançar vai muito amor.

D'Araponga se ouve o canto  
 Lá para as bandas do val;  
 A noite tem seu encanto,  
 E esta vida é sem igual!

Mas « é hora da partida »  
 Diz a estrella em seu fulgor.  
 Vai minh'alma entristecida,  
 Só me alenta o seu amor.

Quando voltar para a terra,  
 Para a terra onde eu nasci,  
 Subirei contente a serra  
 Que tão triste hontem descí;  
 E nos braços da morena,  
 Gosando da vida a flôr,  
 Ai!—darei—a minha Helena  
 E' somente o meu amor.

S. Paulo. — 1857.

*Bittencourt Sampaio.*

---

## HOJE.

Surriem as flôres na manhã da vida,  
 Surri a terra ao desbrechar da aurora,  
 Surrindo passa a nuvem desprendida,  
 Surrindo canta a virgem commovida.....  
 —Surri o triste? não! na dôr descora.

E outr'ora em meus sonhos inlevado  
 Formei do mundo um quadro: Riso e flôres.  
 No regaço d'amor morrer amado,  
 O odôr sorver do lyrio desmaiado —  
 Para esse quadro a terra não tem côres!

Oh! não tem não! mas eu pensei que tinha.  
 Pensei gostar o-fruito já maduro  
 Da esperança que o coração sustinha!  
 Louco pensei gosar-te amar-te minha,  
 E lêr nos olhos teus o meu futuro!

Seccou no labio o riso! A tempestade  
 Succede em breve ao sol, arrasa o mundo!  
 Da vida a flôr murchou: a eternidade  
 Surgiu á luz do ceo, luz da verdade,  
 Mas no peito não brilha, é chaos profundo!

S. Paulo.—Agosto de 1857.

*T. Bastos.*

---

## Representação do—Atheneo Paulistano—ao Governo Imperial.

Illm. Exm. Snr.—O—Atheneo Paulistano,—por seu Presidente effectivo abaixo assignado; requer á V. Ex.<sup>a</sup> haja de endereçar convenientemente ao Governo Imperial a inclusa petição, acompanhada da favoravel informação de V. Ex.<sup>a</sup>, e ouvida administração do correio d'esta cidade—portanto P. a V. Ex.<sup>a</sup>, que assim lhe haja de deferir.

O Presidente effectivo  
*Augusto José de Castro Silva.*

SENHOR.

O—Atheneo Paulistano,—por seu Presidente effectivo abaixo assignado, vem respeitosa e implorar a V. M. I., remedio contra a menos justa intelligencia da Administração do Correio da Cidade de S. Paulo; porquanto do anno passado á esta parte, baseada na pratica, que allega a Administração do Correio d'esta Côrte, exige por cada exemplar de seu periodico, denominado—*Ensaios Litterarios*—remettidos para fóra da Provincia o excessivo porte de cento e vinte reis. Entretanto que, por virtude do art. 19 da Lei n.º 396 de 2 de Setembro de 1846 e art. da Lei n.º 628 de 17 de Setembro de 1841, as folhas periodicas de qualquer formato estão obrigadas somente ao porte de dez reis; em cujo numero não pode deixar de ser comprehendido o jornal do mesmo—Atheneo Paulistano—que sae á luz mensalmente e apenas com vinte paginas, nos casos ordinarios por determinação de seus estatutos; não podendo, pela natureza de sua publicação e na conformidade d'estes, ser considerado—folheto encadernado ou brouxado. E' por isto, e convencido o—Atheneo Paulistano—de que a respeito do mesmo jornal não póde ter lugar a disposição final do citado art, 19 da Lei de 2 de Setembro de 1846, em referencia ao art. 185 do Reg. n.º 399 de 21 de Dezembro de 1844, como opina a mesma Administração do Correio de S. Paulo, que requer e P. a V. M. I. se digne defirir-lhe na forma requerida.

Tendo sido deferida a representação que a Associação—Atheneo Paulistano—submetteu ao Governo Imperial, pedindo que fosse considerado nas cathogorias das folhas periodicas para o effeito do pagamento do porte do Correio, o periodico que a mesma Associação publica com a denominação—*Ensaios Litterarios*—assim o communico a Vmc. para o seu conhecimento. Deos Guarde a Vmc.

Palacio do Governo de S. Paulo 13 de Janeiro de 1857.—Assignado, *Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos*.—Está conforme, *Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira*, 1.º Secretario do Atheneo.